

UNIVERSIDADE FEEVALE
Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais
Mestrado

MILENA LAUX RIFFEL

RETRATOS DE LEITURA: UM OLHAR SOBRE A REGIÃO DE
MONTENEGRO

NOVO HAMBURGO
2022

MILENA LAUX RIFFEL

**RETRATOS DE LEITURA: UM OLHAR SOBRE A REGIÃO DE
MONTENEGRO**

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale como requisito para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Conte

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Lovani Volmer

NOVO HAMBURGO

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Riffel, Milena Laux.

Retratos de leitura : um olhar sobre a região de Montenegro /
Milena Laux Riffel. – 2022.

104 f. ; il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações
Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2022.

Inclui bibliografia.

“Orientador: Prof. Dr. Daniel Conte ; Coorientadora: Profa.
Dra. Lovani Volmer”.

1. Leitura. 2. Bibliotecas escolares. 3. Ensino Fundamental.
4. Metodologia. 5. Incentivo. I. Título.

CDU 028(816.5)

MILENA LAUX RIFFE

Dissertação do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, intitulada “Retratos de Leitura: um olhar sobre a região de Montenegro”, submetida à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Aprovado por:

Prof. Dr. Daniel Conte (Orientador)
Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Lovani Volmer (Co-orientadora)
Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Marinês Andrea Kunz
Universidade Federal da Paraíba.

Prof. Dr. Ernani Mügge
Universidade Feevale

Novo Hamburgo, 25 de fevereiro de 2022

MEMORIAL DESCRITIVO

Sou Milena Laux Riffel, tenho 24 anos, nascida em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Brochier. Desde pequena, sempre me imaginei em diversas profissões diferentes, mas nunca tive uma única que eu quisesse seguir, até que fui estudar, em 2013, em um colégio interno na cidade de Estrela (RS) no qual cursei o Magistério. A partir de então, minhas vidas estudantil e profissional passaram a ser voltadas para a Educação.

Formei-me no Curso Normal pelo Instituto de Educação Estrela da Manhã, depois fiz graduação em Letras e Literaturas pela Universidade Uninter e atualmente sou mestranda do curso Mestrado em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale. Além disso, atuo como docente desde 2016, e atualmente, trabalho em uma escola particular, na cidade de Montenegro, onde resido desde 2020. Sou professora de Ensino Fundamental I, trabalho como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e também leciono para turmas de Ensino Médio com aulas de Gramática, Literatura e Redação.

Algo que é característico meu e faz com que eu busque sempre me desenvolver e aprender, é a curiosidade pelo novo, pois não consigo ficar acomodada em situações e trabalhos por muito tempo, visto que sempre há algo para aprender e descobrir que faz com se possa evoluir tanto profissional quanto pessoalmente. Por isso, sinto a necessidade de me desafiar a alcançar novos voos e não me satisfazer com o que já tenho, sendo o mestrado um exemplo de grande desafio que me fez aprender muito.

Nesse sentido, a escolha da minha profissão surgiu, principalmente, do gosto pela leitura e pelo interesse em compreender melhor a Língua Portuguesa. Desde pequena, sempre gostei de ler e lembro-me de que o livro o qual despertou o prazer da leitura foi “Chocolóvsky: vida de cachorro é boa”. Essa obra fez com que eu me envolvesse no mundo da imaginação e compreendesse a magia que há por dentro de cada personagem. A partir de então, adquiri o hábito de leitura até concluir meu Ensino Médio. Recordo-me de que, nesse período, o contato com a Literatura Brasileira se deu por meio de Érico Veríssimo, principalmente, com as obras “Clarissa”, “Olhai os lírios do campo” e “Música ao longe”. Entretanto, sinto que, durante minha vida escolar, os demais grandes autores da Literatura nacional não foram bem

apresentados e/ou explorados, pois, somente após sair da escola que desenvolvi o gosto por essas leituras clássicas.

Percebo como a leitura impulsionou meus sonhos e objetivos profissionais, ocasionando oportunidades que não seriam possíveis sem o conhecimento que os livros me proporcionaram. Por isso, sinto que meu papel enquanto professora é de incentivar e despertar o desejo pela leitura em meus alunos, para que estes possam ter experiências e aventuras que somente as histórias revelam. Por isso, a escolha desse trabalho resultou no perfil de leitor dos estudantes para visualizar quais são as medidas necessárias durante o processo de formação leitora.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Feevale pela concessão da bolsa de incentivo financeiro *Stricto Sensu*, sem a qual não seria possível a realização deste mestrado;

À minha mãe, Anelise, por ter acreditado em mim, incentivando-me a ser professora e a compreender todo esforço e dedicação de que os estudos necessitam;

Ao meu pai, por todo apoio financeiro e valorização do meu trabalho enquanto professora e aluna;

À minha sobrinha Isabelly, por ser a luz e energia necessária para continuar perseverando nos estudos;

Aos demais membros da minha família pela admiração e carinho com que sempre se referiram a mim e ao meu trabalho;

Aos meus amigos que compreenderam a necessidade da dedicação e abdicação de momentos de lazer para alcançar meu objetivo;

Às minhas colegas de mestrado, que se mostraram incríveis apoiadoras desta jornada;

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais por, mesmo durante a pandemia, conseguirem manter a excelência de suas aulas e ensinar com paixão;

Aos meus queridos orientadores Daniel Conte e Lovani Volmer por todo apoio, carinho e atenção durante este período. Obrigada por serem inspiração e referência no que fazem.

Por fim, um agradecimento especial a todas as pessoas que cruzaram meu caminho durante esses dois anos de mestrado e que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse ser quem sou hoje.

RESUMO

Esta pesquisa propôs, como tema de estudo, analisar o perfil dos jovens leitores da cidade de Montenegro, no Rio Grande do Sul, a fim de verificar quais são as motivações, desafios, hábitos e frequência de leitura que estes estudantes do Ensino Fundamental II possuem. Ademais, é sabida a importância do incentivo à leitura por parte das escolas, assim como a necessidade de compreender quais são as metodologias mais efetivas para que o ato de ler torne-se um hábito prazeroso na rotina dos alunos. Nessa perspectiva, em um primeiro momento, foi realizada uma revisão bibliográfica a respeito da concepção de leitura, formas de aquisição do hábito de ler e utilizou-se a pesquisa do Instituto Pró-Livro (*Retratos da Leitura no Brasil*), a qual foi norteadora deste estudo. Com isso, a bibliografia levantada serviu de fundamento para a pesquisa de campo, na qual realizou-se, inicialmente, um mapeamento das bibliotecas escolares do município de Montenegro, visando conhecer a realidade do espaço e acesso ao acervo literário pelos seus discentes. Outrossim, com o material reunido, pretendeu-se, por meio da aplicação de um questionário on-line, coletar informações sobre o hábito de leitura dos estudantes, para que fosse possível traçar um perfil de leitor destes jovens e analisar quais implicações são decorrentes dessa prática. Assim, após a arrecadação das informações, foi possível obter um maior conhecimento da relação presente entre teoria e prática e verificar a necessidade de um olhar atento às bibliotecas escolares, bem como a necessidade de uma aproximação entre a leitura literária e a escola.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Leitores. Bibliotecas. Ensino Fundamental. Escola.

ABSTRACT

This research proposed, as a study theme, to analyze the profile of young readers in the city of Montenegro, in Rio Grande do Sul, in order to verify the motivations, challenges, habits and frequency of reading that these Elementary School II students have. Furthermore, the importance of encouraging reading by schools is well known, as is the need to understand which are the most effective methodologies so that the act of reading becomes a pleasant habit in the students' routine. From this perspective, at first, a literature review was carried out regarding the concept of reading, ways of acquiring the habit of reading, and the research of the Instituto Pró-Livro (Portraits of Reading in Brazil) was used, which guided this study. With this, the bibliography raised served as the foundation for the field research, in which, initially, a mapping of the school libraries in the city of Montenegro was carried out, aiming to know the reality of the space and access to the literary collection by its students. Furthermore, with the collected material, it was intended, through the application of an online questionnaire, to collect information about the students' reading habits, so that it would be possible to draw a reader profile of these young people and analyze what implications result from this practice. Thus, after collecting the information, it was possible to obtain greater knowledge of the present relationship between theory and practice and to verify the need for a closer look at school libraries, as well as the need for a closer relationship between literary reading and school.

KEYWORDS: Reading. Readers. Libraries. Elementary School. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Igreja Matriz São João Batista	50
Figura 2 – Porto das Laranjeiras	51
Figura 3 – Clube Riograndense.....	52
Figura 4 – Cervejaria.....	52
Figura 5 – Frigorífico Renner.....	53
Figura 6 – Jornal O Progresso	54
Figura 7 – Inauguração do Parque Centenário em 1973	55
Figura 8 – Apresentação dos Trapalhões no Parque Centenário em 1993.....	55
Figura 9 – Montenegro localizado no mapa do Rio Grande do Sul	56
Figura 10 – Montenegro visto de cima	56
Figura 11 – UERGS e FUNDARTE	57
Figura 12 – Colégio São José recebendo a visita do Bispo	60
Figura 13 – Escola para os filhos dos funcionários da Tanac	61
Figura 14 – Escola São João Batista	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Escolas	74
Gráfico 2 – Presença de Biblioteca	75
Gráfico 3 – Uso da Biblioteca	76
Gráfico 4 – Funcionário	76
Gráfico 5 – Funcionário Capacitado	77
Gráfico 6 – Frequência dos Alunos	78
Gráfico 7 – Satisfação com o Acervo	78
Gráfico 8 – Quantidade de Livros	79
Gráfico 9 – Tipo de Acervo	80
Gráfico 10 – Atualização do Acervo	80
Gráfico 11 – Disponibilidade do Acervo	81
Gráfico 12 – Indicação dos Professores	81
Gráfico 13 – Gêneros mais procurados	82
Gráfico 14 – Livros de Inclusão	83
Gráfico 15 – Projetos de Leitura	84
Gráfico 16 – Escolas Participantes	86
Gráfico 17 – Escolaridade	87
Gráfico 18 – Hábito de Leitura	88
Gráfico 19 – Motivação para Leitura	89
Gráfico 20 – Influência na Escolha do Livro	89
Gráfico 21 – O que mais lê	90
Gráfico 22 – Frequência de Leitura	91
Gráfico 23 – Gêneros de Preferência	92
Gráfico 24 – Locais de Leitura	92
Gráfico 25 – Modo de Acesso aos Livros	93
Gráfico 26 – Falta de hábito de leitura	94
Gráfico 27 – Influência para a Leitura	94
Gráfico 28 – Leitura Atual	95
Gráfico 29 – Formato de Preferência	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A FORMAÇÃO DA LEITURA NO BRASIL	16
2.1 A PRODUÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA	21
3 LEITURA: CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS	27
3.1 BRASIL: REALIDADE LEITORA	30
3.2 JOVENS BRASILEIROS E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA.....	34
3.3 RETRATOS DE LEITURA: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DO BRASIL....	38
3.4 A ESCOLA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS LEITORES	42
3.4.1 Letramentos múltiplos e as práticas sociais de leitura	47
4 UM BREVE HISTÓRICO DE MONTENEGRO.....	50
4.1 DADOS GERAIS	56
4.2 A FORMAÇÃO POPULACIONAL DA REGIÃO.....	58
4.2.1 Os Ibiraiaras.....	58
4.2.2 As Bandeiras e a Colônia de Sacramento.....	58
4.2.3 Os Açorianos	59
4.2.4 A Revolução Farroupilha.....	59
4.2.5 Alemães, italianos e franceses	59
4.3 A EDUCAÇÃO MONTENEGRINA AO LONGO DOS ANOS.....	60
4.4 A HISTÓRIA DA CULTURA LITERÁRIA EM MONTENEGRO	67
5 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	71
5.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS.....	72
5.2 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	74
5.2.1 Mapeamento das bibliotecas escolares de Montenegro.....	74
5.2.2 Análise dos resultados da pesquisa “Retratos de leitura: um olhar sobre a região de Montenegro”	86
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICES	105
APÊNDICE A – FORMULÁRIO APLICADO NAS ESCOLAS DA CIDADE DE MONTENEGRO A RESPEITO DO USO DA BIBLIOTECA.....	106

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM ALUNOS DAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II	108
--	-----

1 INTRODUÇÃO

O jovem, na contemporaneidade, é exposto a múltiplos estímulos visuais instantâneos e, quando se fala em leitura, há um paradoxo em relação ao que e como a praticam. O senso comum defende que, cada vez menos, os adolescentes se interessam pela leitura de livros literários, visto que passam a maior parte de seu tempo livre conectados à rede social. Por outro lado, percebe-se que estes, no Brasil, são a maior população leitora enquanto estudantes. Todavia, se não forem estimulados, perdem o interesse e deixam de ler ao terminar os estudos.

Além disso, para se tornar leitor, é necessário que o livro faça parte da memória afetiva e traga prazer durante a leitura, pois isso fará com que o receptor adquira o hábito de ler. Não obstante, saber ler é diferente de ter prazer na leitura, porque o gosto se refere ao estímulo, cultivo da interioridade e reforço intelectual. Por isso, ao se falar de jovens leitores, é preciso despertar o prazer e gosto pela prática de ler, porque, somente desse modo, irão adquirir o hábito.

Outrossim, a formação de leitores inicia-se, principalmente, na família e na escola, sendo o ambiente educacional fator primordial na constituição do caráter e identidade dos estudantes, uma vez que ser leitor faz parte da função social para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas. Desse modo, o saber ler tornou-se necessário à formação das pessoas, sendo que a importância da leitura recebe destaque na vida desses jovens, visto que:

[...] ler possibilita desvendar aquilo que outros já viveram, produziram, criaram, sentiram... em outros lugares, outros tempos ou na imaginação. Multiplica e possibilita viver muitas vidas e experiências. Desvenda outros sentimentos e histórias escondidas. (FAILLA, 2016, p. 19).

Assim, o que existe são diversas práticas de leitura, diferentes maneiras de ler e múltiplas finalidades para essa ação. Nessa perspectiva, a língua exerce um papel crucial na vida do ser humano, pois é responsável pela interação, comunicação, conhecimento e pensamento que faz do ser humano um indivíduo único. Ademais, tanto a língua falada como a escrita desempenham importantes funções no cotidiano do corpo social, uma vez que não são estanques e distintas entre si. Nesse sentido, Luiz Antônio Marcuschi (2001) postula que fala e escrita não se opõem, mas se completam, havendo uma continuidade entre ambas.

É nesse contexto, portanto, que está inserida esta dissertação. O interesse pelo tema surgiu a partir da observação, enquanto docente, das práticas de leitura dos estudantes. Além disso, havia uma hesitação sobre a relevância da leitura em suas vidas e a curiosidade por saber o que gostam de ler. Visto que os jovens interagem mais por meio das redes sociais, é notório que a tecnologia revolucionou o acesso, a relação com os livros e a leitura. Dessa forma, faz-se necessário conhecer a nova realidade do leitor, juntamente do seu comportamento, hábitos e os desafios.

Sob esse viés, pretende-se contribuir com os estudos acerca da importância da leitura, principalmente entre jovens que estão em formação, e identificar qual é a realidade leitora da população estudantil de Montenegro (RS), visando compreender de que forma os livros se fazem presentes em suas vivências. Nesse contexto, partindo, pois, da hipótese de que os jovens estudantes não se interessam pelas leituras obrigatórias propostas pelos professores, buscou-se compreender qual é o perfil, o comportamento, motivação, limitação e acesso que estes possuem em relação aos livros. Não obstante, percebe-se que, a partir dos estímulos digitais, muitos são envolvidos por esse mundo instantâneo e acabam por se desinteressar pela prática de leitura, tendo em vista que esta, muitas vezes, não é multissemiótica e, conseqüentemente, não prende a atenção do leitor por mais tempo.

A partir dos pressupostos supracitados, surgem as questões que norteiam a pesquisa: Os adolescentes leem pouco ou só não se interessam pelas leituras obrigatórias? É correto dizer que as séries e sagas preferidas por eles não são leitura de obras literárias? O uso das redes sociais interfere na relação dos jovens com os livros? Os estudantes estão preferindo ler o material on-line ou impresso? Quais são as condições de acesso aos livros? Os alunos frequentam as bibliotecas escolares e públicas? Enfim, com base nesses questionamentos, surge o objetivo principal do estudo: compreender o comportamento do leitor, o seu perfil, motivações e condições de leitura, visando conhecer a realidade que permeia os estudantes da cidade de Montenegro no Rio Grande do Sul. Já os objetivos específicos desdobram-se em:

- a) Identificar os hábitos dos estudantes em relação às práticas de leitura;
- b) Reconhecer as influências que instigaram o gosto pela leitura;
- c) Apontar como se dão as condições de acesso a livros;
- d) Analisar o uso das bibliotecas públicas de Montenegro;

- e) Investigar as escolhas de livros e autores a partir do gosto individual dos alunos e orientações de professores.

Em primeira análise, para atingir tais objetivos, abordar-se-á, no capítulo inicial, a linguagem como representação cultural, tendo em vista que este estudo se baseia em conceitos interdisciplinares e que não é possível falar de leitura sem se referir à cultura e à sociedade. No segundo capítulo, buscar-se-á conhecer a formação da leitura no Brasil, bem como a produção da Literatura Infantil brasileira, uma vez que o foco deste trabalho está voltado para leitores do Ensino Fundamental II. Pretende-se, nesse segmento, compreender o processo de formação leitora desde o período Colonial até as últimas décadas.

Na sequência, no terceiro capítulo, aprofundar-se-á a análise sobre leitura, suas concepções e estratégias, visando entender o conceito e as variadas formas de aquisição de práticas de leitura. Assim, serão analisados dados referentes ao analfabetismo funcional, bem como de pesquisas de instituições como o Instituto Pró-livro, que serviram de orientação para esta dissertação, e obter, assim, um panorama da atual realidade leitora brasileira. Por fim, será debatida a importância da escola na formação de indivíduos leitores, a função do professor enquanto mediador de leitura e incentivador dessa prática. Além disso, identificar-se-á a relação das leituras solicitadas em sala de aula com a preferência dos estudantes, de que modo pode-se encontrar um equilíbrio nas escolhas literárias e a contribuição que os letramentos múltiplos podem oferecer durante esse processo.

No quinto capítulo, buscar-se-á conhecer o município de Montenegro, que foi escolhido como local de aplicação desta pesquisa, bem como seu contexto cultural no que tange à Literatura. A partir disso, os estudos seguirão para a metodologia quantitativa de pesquisa, instrumentos utilizados na coleta dos dados e a análise desses resultados comparados aos obtidos na pesquisa nacional de *Retratos da Leitura no Brasil*, que, como o nome diz, busca estabelecer um panorama dos índices de leitura no país (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Dentro desse estudo, será realizado um mapeamento das escolas do município de Montenegro (RS), com o intuito de conhecer a realidade de suas bibliotecas. Dessa forma, com os resultados alcançados, será possível vislumbrar o cenário local no que concerne às condições de acesso ao livro impresso e seguir para a pesquisa de

campo. Esta se utilizará de um formulário a ser respondido pelos alunos sobre suas práticas e hábitos de leitura. Com as respostas coletadas, será possível analisar se os questionamentos norteadores da pesquisa estão corretos ou se a realidade dos jovens leitores destoa da hipótese levantada no objeto de estudo. Logo, pretende-se relacionar teoria e prática a fim de obter resultados satisfatórios em relação à leitura e sua importância na vida dos estudantes do município, pois é um fator indispensável no processo de aprendizagem e humanização dos indivíduos.

2 A FORMAÇÃO DA LEITURA NO BRASIL

Neste capítulo, a história do leitor será abordada desde o século XVIII até o século XIX, com uma conexão breve entre a leitura universal e a brasileira. Nessa época, na Europa, a impressão de obras escritas passou a ser uma atividade empresarial, voltada para o lucro. Este se formou a partir da expansão da imprensa, da ampliação do mercado do livro, da difusão da escola, da alfabetização, da valorização da família e da necessidade de lazer que surgia na nova sociedade burguesa. Entretanto, o livro impresso, enquanto produto, necessitava de uma clientela alfabetizada, o que viria do fortalecimento da escola e da sua obrigatoriedade. No Brasil, a realidade de um povo com acesso à leitura só se deu com a chegada da Coroa Portuguesa em 1808, porém, isso não garantiu a todos o direito à leitura e o acesso a livros.

A expansão da leitura, ao ponto de transformá-la em uma prática social, contava com uma das características da sociedade da época: a valorização da família e a privacidade no âmbito familiar. Nesse sentido, a leitura era uma atividade adequada à vida doméstica dos grandes centros urbanos. Isso porque, no conjunto de valores burgueses que orientavam as diretrizes sociais, a família era de extrema importância. Assim, para os grupos religiosos, a leitura também se tornou fundamental à formação moral das pessoas, uma vez que eles a utilizavam para estudo e doutrinação.

No século XIX, ainda não havia a profissionalização do trabalho de escritores e, com isso, para a maioria, não era possível viver da escrita de obras literárias. Uma das causas desse problema foi o aparecimento tardio da imprensa, o que revelou a precariedade da infraestrutura fornecida aos autores. Além desse empecilho, havia outro maior: até o fim do século XIX, mais de 70% da população brasileira era analfabeta. Isso revela a grande diferença social da época, uma vez que havia poucos homens brancos letrados e um grande número de negros analfabetos, expondo, assim, um grande atraso na alfabetização. Outra problemática se dava em relação ao acesso aos livros, visto que eram caros, por serem importados, sendo que a produção nacional era pequena.

Dessa forma, tendo mais escritores do que condições de publicação, alguns deles recorreram à Coroa Portuguesa, pedindo auxílio financeiro; outros buscaram

mediação de autores já renomados, como Machado de Assis. A fim de melhorar as condições de trabalho desses intelectuais, parte desse grupo assumiu papel de editor para diminuir a ausência da divulgação do trabalho literário. Nesse contexto, as poucas editoras que existiam no centro urbano da Metrópole (Rio de Janeiro) pagavam muito pouco pelas obras, tanto que os escritores afirmavam que não podiam viver de Literatura. Por exemplo, Lima Barreto acreditava que, pela remuneração do trabalho intelectual, o escritor não conseguiria conquistar a independência econômica. Já Olavo Bilac, com uma visão mais otimista, defendia que foi a sua geração que transformou a Literatura em profissão, e não somente passatempo.

Até o início da década de 1820, o Estado era o mediador da venda, impressão e importação de obras. Assim, negociava com escritores, livreiros e impressores, o que deixava pouca margem para o desenvolvimento livre do comércio de livros. Todavia, na segunda metade do século XIX, o Estado reduziu sua influência ao passo que as editoras começaram a negociar diretamente com os escritores, utilizando instrumentos legais para a regulamentação dessa relação. De início, a profissionalização do escritor se deu no mercado escolar, pois o livro didático era importante e necessário para a educação da população brasileira que se modernizava.

Nesse contexto, as duas maiores casas editoras nacionais da época eram a Garnier e a Laemmert, as quais visavam contratos regulares com os escritores, embasados em uma margem de lucro. Por exemplo, Machado de Assis cedeu os direitos de suas obras à editora Garnier por meio de um contrato, datado de 1864, sobre a impressão de *Crisálidas*, em que o autor recebeu 150 réis por exemplar, sendo que a condição da Garnier era da “[...] propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes edições do mesmo livro” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 177).

A questão em relação ao livro era de que o material didático rendia mais, pois, pelos registros encontrados na época, o escritor dos didáticos tinha mais condições de alcançar rendimentos consideráveis. Outra possibilidade mais rentável era a de tradução, a qual muitos escritores acabavam recorrendo como forma de garantir sua publicação. Não obstante, o livro didático pode ser considerado inferior à Literatura, pois ele é “descartável”: ou é superado, dado os avanços e atualizações em relação aos estudos ou o estudante não necessita mais, visto que avança nos níveis da

educação. Por outro lado, é importante para as editoras que contam com a parceria de professores, escolas e Secretarias de Educação. Esse tipo de material se tornou imprescindível também aos estudos sobre a história da leitura, visto que ele auxilia na formação do leitor. Por fim, é uma fonte poderosa de conhecimento da história de um povo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019).

No que tange à impressão de livros no Brasil, a primeira editora foi a Imprensa Régia em maio de 1808, instalada como monopólio do governo. Este não permitia outras formas de imprimir no Rio de Janeiro, sob pena de a polícia confiscar as obras. Fora da sede da Corte, a Bahia tinha autorização para instalar uma tipografia, o que revela uma censura governamental em relação à imprensa. Segundo Silva (1887, p. 246-247 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 177-178):

permitiu-se também que na tipografia régia se imprimissem as obras literárias dos súditos depois de sujeitas à censura prévia de uma comissão nomeada com o título de Mesa censória, não largando o governo as tradições portuguesas por se temer sempre da imprensa. Foi autorizada três anos depois, na cidade da Bahia, outra tipografia, devendo o governador e o bispo nomear pessoas habilitadas para exercerem o cargo de censores, sobretudo quanto se confiava aos seus prelos. O receio da imprensa tanto perturbava o governo que ordenou aos juizes das alfândegas que não admittissem a despacho livros ou quaisquer impressos sem que lhes fosse apresentada a competente licença do desembargo do paço, ao qual deveriam enviar uma relação de quantos entrassem e saíssem das alfândegas. Neste combate contra as luzes, que os livros podiam derramar, levou as lampas governo o intendente geral da polícia, desembargador Paulo Fernandes Viana. Lavrou e espalhou o edital em que declarava que importando muito à vigilância da polícia que chegassem ao seu conhecimento todos avisos, anúncios e notícias dos livros e obras existentes à venda, estrangeiras e nacionais, prohibia daí por diante que se publicassem os sobreditos anúncios, avisos e notícias, sem que fossem vistos, examinados e previamente aprovados, sob pena de prisão e multa pecuniária, além do mais que se incluíssem nas leis contra os que procuravam quebrantar a segurança pública, qualquer que fosse nacionalidade dos criminosos. Ordenou que uma inquirição ficasse aberta para se admitir em segredo as denúncias e punir-se os transgressores.

Só a partir de 1821 que se aboliu a censura e terminou o monopólio estatal, permitindo o surgimento de outras tipografias, o que favoreceu o crescimento das oportunidades de leitura. Ademais, somente por volta de 1840, na cidade do Rio de Janeiro, começaram a surgir condições favoráveis para a formação de uma sociedade leitora, visto que já existiam tipografias, livrarias e bibliotecas. Embora a escolarização ainda fosse precária, o cenário se encaminhava de forma favorável ao comércio de livros (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019).

Durante o governo de D. João, o incentivo à criação da Academia Militar, da Faculdade de Medicina e de escolas impulsionou a imprensa na produção do livro didático. Além disso, fortaleceu a escola enquanto lugar de formação e a leitura como ato de consumo. Contudo, a educação primária não era considerada de qualidade, pois havia poucas instituições de ensino e o plano educacional era insuficiente para atender a demanda de alunos. Mesmo com a Independência do Brasil, a precariedade da educação continuou, visto que pouco se fez pela educação, como se observa:

[...] na pobreza de seus orçamentos e longe da Corte, as províncias veem-se sacrificadas e sem poder levar a cabo a tarefa que lhes é imposta. O Ato Adicional de 1834 não muda a situação; o governo continua fazendo muito pouco: cria a Inspetoria Geral da Instrução, “com o encargo de fiscalizar o ensino primário e secundário na Corte, com um delegado em cada paróquia”; e delega às Assembleias provinciais o dever de “legislar sobre a instrução pública e estabelecimentos próprios a promovê-la, não compreendendo as Faculdades de Medicina, os Cursos Jurídicos, academias existentes” Restringindo sua atuação à cidade do Rio de Janeiro e ao ensino superior, em nome do liberalismo e da descentralização, o Estado efetivamente omitiu-se das questões educacionais, deixando a obrigação às províncias, que, empobrecidas, não tinham condições nem interesse de resolver o problema. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 193-194).

Percebe-se, dessa forma, os problemas em relação às escolas desaparelhadas, sem material didático suficiente, professores mal remunerados e muitos sem capacitação para trabalhar com crianças. Nesse sentido, as autoras anteriormente citadas prosseguem:

[...] o estado do ensino brasileiro parece persistir; e os cronistas da vida social brasileira acoplam o mau estado do ensino com a má qualidade e/ou a inexistência de livros escolares. Sob tais condições, a formação de um público leitor se arrasta, inconclusa e rarefeita. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 204).

Nesse contexto, insere-se um sistema escolar bancado pelo Estado, com um controle rigoroso da produção de livros, distribuído por aulas particulares ou escolas improvisadas, professores mal formados e carentes de recursos materiais.

No fim do século XIX, a educação não havia evoluído muito. Entretanto, em 1889, com o surgimento da República, foram adotadas medidas educacionais que visavam melhorar as condições de ensino e aprendizagem. Fez-se a reforma da instrução pública, desde a primária e secundária até o ensino superior, artístico e técnico em todo o país. Porém, essas mudanças, novamente, não foram suficientes

para resolver problemas como a ausência de livros didáticos e a falta de escolas para a quantidade de alunos que deveriam estar matriculados. Observa-se os dados referentes à pesquisa feita por Primitivo Moacyr em sua obra *A instrução e as Províncias* (1939), em que mostra a realidade da educação no Rio Grande do Sul:

Em 1847, 1.860 meninos e 749 meninas frequentam as escolas primárias; em 1848, funcionam 74 escolas de primeiras letras. Nos anos 1850, o número aumenta, contando-se 3.812 alunos e 3.525 alunas; mas, em 1860, o primeiro grau soma 3.654 estudantes masculinos, distribuídos em 127 escolas. Em 1877, mais de 14 mil alunos, entre meninos e meninas, estão em sala de aula; mas a população em idade escolar atinge cerca de 52 mil crianças; logo, “só procura a escola menos de um terço”, e estamos na década em que a educação se torna obrigatória. (MOACYR, 1939 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 216-217).

Desse modo, a República não conseguiu cumprir as promessas feitas e o Estado cooperava de forma limitada em casos específicos, deixando as instituições educacionais sem orientação ou suporte. Nesse contexto de tentativas de melhorar a educação nacional, em 1823, buscando sanar o despreparo e a desqualificação dos professores, o governo estabeleceu no Rio de Janeiro uma Escola Normal, que deveria servir de formação a jovens moças que almejavam uma profissão. Segundo Leonor Maria Tanuri (1994 *apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p. 232), esta, como as outras, foi “[...] inspirada provavelmente na organização das escolas normais francesas”. A instituição fechou em 1867, mas novas escolas normais surgiram a partir de 1870. O modelo de ensino tornou-se popular no país quando se transformou em uma das poucas opções profissionais para mulheres de classe média, porque as demais oportunidades de trabalho eram dedicadas aos homens. Por isso, depois de 1870, somente mulheres podiam lecionar.

Ao longo do tempo, o governo buscou medidas que incentivassem a leitura e a educação, visto que o território nacional abarca uma grande extensão de terra. Uma delas foi a criação da Biblioteca Nacional, que recebeu opiniões distintas sobre o seu funcionamento. Alguns elogiavam a instalação, funcionamento, a qualidade e a liberdade na escolha do acervo; de outro lado, queixavam-se sobre a ausência de frequentadores, o que se relaciona com a rarefação do livro na sociedade e, conseqüentemente, o desinteresse por obras impressas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019).

Nesse cenário, o problema que permaneceu foi a carência de material didático nacional, que acabava abrindo espaço para o mercado português. Com isso, os autores brasileiros queriam ocupar o comércio nacional produzindo obras destinadas à escola, visto que havia uma necessidade de adequar o material para a realidade do Brasil. Os livros que eram utilizados não possuíam boa qualidade e também eram mal distribuídos, sendo que muitas escolas do interior não tinham acesso ou somente conseguiam poucos exemplares, afirmam Lajolo e Zilberman (2007), que complementam:

Os textos que justificam as queixas de falta de material brasileiro são representados pela tradução e adaptação de várias histórias européias que, circulando muitas vezes em edições portuguesas, não tinham, com os pequenos leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma. Editadas em Portugal, eram escritas num português que se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 29).

Por fim, a história da leitura, no Brasil, seguiu percursos difíceis tendo em vista a forma como o país foi colonizado e as estratégias adotadas para incentivo à escolarização. Atualmente, observam-se outros desafios na formação de uma sociedade leitora, o que se coloca como uma prática contínua, a qual deve ser estimulada nas mais diversas esferas sociais: família, escola, sociedade e governo.

2.1 A PRODUÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

As primeiras obras destinadas ao público infantil só surgiram em meados do século XVIII, inicialmente, na França, durante o Classicismo francês, com uma preferência pelo gênero conto de fadas. Simultaneamente, expandiu-se à Inglaterra, onde houve uma determinação mais específica das características deste gênero. Nesse contexto, ocorreu a Revolução Industrial (XVIII), um marco histórico nas mudanças de ordem econômica e social, em que a criança passou a ter um novo papel na sociedade. Com isso, o mercado também se alterou, pois surgiram brinquedos, livros, cursos e formações destinados à infância, entre outros setores que se adaptaram às novas exigências desse cenário industrializado (LAJOLO; ZILBERMAN, 2019).

Durante o período, instituições como a família e a escola serviram de meio para solidificar a ideologia burguesa – grupo social em ascensão – sendo que a instituição

de ensino passou a ser obrigatória até o primário, pois a noção de infância se modificou para uma ideia de fragilidade e despreparo, o que seria desenvolvido nas escolas, a fim de prepará-las para o mundo. A escola, assim como a família, preocupou-se em ser a mediadora entre a criança e a sociedade, uma vez que uma era complementar à outra, como se observa:

Os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas. Isto aciona um circuito que coloca a literatura, de um lado, como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 17).

Contudo, a escola assumiu outros papéis, que fizeram com que ela se tornasse ainda mais indispensável aos jovens, e transformou-se obrigatória a todos os segmentos da sociedade, e não somente à burguesia. Nessa perspectiva, a Literatura Infantil traz marcas do período histórico, visto que se difundiu na Inglaterra, um país com grande potencial econômico e comercial. Com isso, assumiu, desde o início, uma condição de produto, de mercadoria (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

No mesmo século, com o surgimento e expansão da tipografia, o livro passou a circular com mais frequência e com alguns gêneros diferentes. Entretanto, sabendo que se utiliza da língua escrita e exige uma capacidade leitora, novamente, a escola se fez necessária, uma vez que não adiantaria ter acesso aos livros se as crianças não soubessem ler. Não obstante, a Literatura Infantil seguiu algumas características que dizem respeito ao modo como o adulto queria que a criança enxergasse o mundo, revelando uma idealização da sociedade em que o autor buscava a adesão afetiva e intelectual de seu leitor. Isso mostra que a Literatura ficou à mercê de um escapismo, fugindo da realidade para um mundo melhor (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Já no século XIX, com os irmãos Grimm, o sucesso dos livros de contos de fadas reapareceu e tornou-se sinônimo de Literatura para crianças. Nessa perspectiva, as histórias preferidas dos mais jovens eram as fantásticas. Entre elas, *Alice no País das Maravilhas* (1863) de Lewis Carroll, *Pinóquio* (1883) de Collodi, e *Peter Pan* (1911) de James Barrie. As histórias de aventura, como *O último dos moicanos* (1826) de James Cooper, *As aventuras de Sawyer* (1876) de Mark Twain e *A ilha do tesouro* (1882) de Robert Louis Stevenson, também caíram no gosto desse

público. Além desses, há também os escritores que procuraram narrar a vida diária como motivação de ação e interesse, por exemplo, *Os ovos de Páscoa* (1896) de Cônego Von Schmid, *As meninas exemplares* (1857) de Condessa de Ségur e *Mulherzinhas* (1869) de Louise Allcott. Enfim, esses e outros autores serviram como modelo para consolidar um perfil definido de Literatura Infantil, com um acervo sólido e características comuns (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

No Brasil, a prática de escrita de livros destinados às crianças surgiu tempos depois, quase no século XX. Com a implantação da Imprensa Régia, oficialmente em 1808, começou-se a publicar livros para crianças. Todavia, essa divulgação era esporádica e insuficiente para se caracterizar como produção literária infantil brasileira. Não obstante, somente próximo ao período de Proclamação da República – momento marcado por inúmeras transformações – que a Literatura se tornou um sistema regular e autônomo. Em virtude das mudanças e da urbanização acelerada durante o fim do século XIX e início do século XX, os centros urbanos, que eram formados por diferentes grupos sociais, proporcionaram o desenvolvimento da Literatura, com diversos tipos de publicações, como revistas femininas, romances, material escolar, livros para crianças, entre outros acervos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Com a sociedade mais desenvolvida, foi possível obter uma maior absorção de produtos culturais. À guisa de exemplo, em 1905, surgiu a revista infantil *O Tico-Tico*, a qual foi de grande sucesso e permaneceu por bastante tempo no mercado editorial, como se observa:

Como é à instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 23).

A partir de então, seguem as referidas autoras, entre os séculos XIX e XX, a produção didática e literária ganhou espaço e interesse nas sociedades modernas. Contudo, levou-se muito tempo até que as editoras, tipografias, bibliotecas e livrarias tornassem o livro um objeto mais acessível aos centros urbanos de maior destaque.

Na metade do século XIX, a leitura já era um hábito mais estabelecido entre as camadas mais ricas, pois lia-se, preferencialmente, jornais com crônicas e poemas,

folhetins de romance e críticas literárias. Próximo ao fim desse século, a Literatura brasileira encontrava-se mais diversificada, com autores como Olavo Bilac, dono de uma poesia bem escrita; Aluísio Azevedo com uma prosa suburbana; Raul Pompéia com crítica à hipocrisia dos comportamentos da burguesia; Lima Barreto retratando a vida difícil das pessoas afastadas dos centros urbanos, entre outros importantes escritores do período. O que todos tinham em comum era a função social de testemunhar a realidade do país por meio da Literatura (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Por conseguinte, com o novo modelo social e econômico do Brasil republicano, o saber passou a ocupar um nível maior de relevância e surgiram campanhas pela alfabetização e escola, o que fortaleceu a ideia de uma Literatura Infantil nacional. Com isso, intelectuais, jornalistas e professores dedicaram-se a escrever e produzir livros infantis para as escolas. Porém, não foi suficiente para estabelecer o conceito e uma das queixas sobre a falta de material brasileiro era o excesso de adaptações de histórias europeias para edições portuguesas, as quais possuíam diferenças do português falado no Brasil. Em função dessas questões, foram criados programas que visavam nacionalizar o acervo literário europeu para as crianças.

Outrossim, em 1921, Monteiro Lobato publicou *Narizinho Arrebitado* para uso das escolas primárias, visto que se preocupava com a necessidade de existirem histórias para as crianças com uma linguagem que as interessasse. O autor investiu nesse setor ao escrever livros e também fundando editoras como a *Monteiro Lobato e Cia*, a *Companhia Editora Nacional* e a *Brasiliense*, pois, na época, havia poucas casas editoras. Entre 1920 e 1945, a produção literária infantil obteve progresso no número de obras, volume das edições, além do próprio interesse das editoras. No período de 1931, Lobato reescreveu a obra original de *Narizinho* e iniciou o momento mais produtivo da ficção brasileira, no qual o crescimento da produção literária infantil e o interesse dos escritores modernistas tiveram relação direta com os fatores sociais da época. Por exemplo, a classe média se consolidou devido à industrialização e à modernização do país, houve também o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição de destaque que a Literatura passou a ocupar após a revolução modernista (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Ademais, a produção literária para crianças foi se fortalecendo até os anos 1940, quando o Modernismo já estava se enfraquecendo no país. Por isso, pode-se dizer que esta se enraizou numa tradição que propõe um universo inventado, fruto da

imaginação, mesmo que com um fundamento social e político. Nesse período, utilizou-se também a tradição popular vinculada à oralidade e voltada à agricultura. Entretanto, no país, ainda prevalecia o acervo europeu, pois já havia se consolidado como Literatura Infantil.

Além disso, a relação da escola com a Literatura para crianças se deu pelo incentivo da classe média, com o objetivo de ascensão social, um meio de difundir os valores burgueses, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento. Entretanto, a Literatura não se limitou somente ao âmbito educacional, mas englobou temas que diziam respeito às exigências da sociedade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Em relação às características do segundo período da Literatura infantil brasileira, destacaram-se o cenário da narrativa predominantemente rural, um elenco fixo que perpassa de uma história a outra sem muitas transformações, a fim de manter o leitor interessado, o acesso a um acervo já consolidado europeu com a adaptação de clássicos, inspiração folclórica e foco nas raízes locais (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, a frequência à escola primária se tornou obrigatória e o regime centralizador explorou o viés patriótico e nacionalista. Além disso, investiu em um universo mítico e em uma linguagem que rompeu a dependência à norma escrita e ao padrão culto, procurando incorporar a oralidade, mas sem infantilidade. Os escritores que vieram após o Modernismo tinham a tarefa de manter o mercado de livros motivado e interessado. Para isso, já existiam editoras especializadas em Literatura infantil, tais como a *Brasil, Melhoramentos e Saraiva*. Ademais, os autores também buscaram especializar a sua escrita, destinando-a ao grupo de jovens, o que foi marcante entre as décadas de 1940 e 1960. Assim, após as arriscadas iniciativas como as de Monteiro Lobato, o desafio seguinte foi o de produção e de fabricação intensas, em virtude de um mercado consumidor em expansão. Contudo, mesmo com um grande número de publicações nesse período e a profissionalização dos autores, ainda existiam obras repetitivas, que evitavam a pesquisa renovadora, o que não atraiu artistas de renome e levou ao menor reconhecimento artístico (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Na década de 1950, a cultura erudita aumentou seus canais de circulação e produção. Por exemplo, instalou-se no país a *TV Tupi* (1950), a *TV Paulista* (1952), a

TV Record e a *TV Rio*, ambas em 1953. Os jornais sofreram alterações gráficas mais dinâmicas, adicionando contribuições culturais, e as revistas passaram a ser produzidas semanalmente com informações e reportagens. Todavia, a Literatura Brasileira continuou sofrendo com a concorrência de autores estrangeiros, publicados principalmente pela *Companhia Editora Nacional* e a *Globo*. Nos anos 60, multiplicaram-se instituições e programas voltados para a leitura e Literatura Infantil. Nessa época, surgiu a *Fundação do Livro Escolar* (1966), a *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* (1968), o *Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil* (1973) e a *Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil* (1979).

Nos anos 1970, mesmo com as instituições criadas para fomentar a leitura e a Literatura, o baixo índice de leitores preocupou as autoridades da área da educação e o *Instituto Nacional do Livro* começou a produzir textos voltados para o público escolar. Outra medida tomada para melhorar os números foi a inclusão de fichas de leitura, roteiros de interpretação de texto, entre outros. Devido a esses investimentos, nesse período, desenvolveu-se um comércio especializado que atraiu grandes escritores, como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector. Entre 1975 e 1978, o interesse por livros infantis aumentou e chegou a 46,6% em relação aos textos nacionais, o que, na década de 1930, não chegou a 30%. De acordo com Lajolo e Zilberman (2007, p. 159):

Assim, se aparentemente desapareceu desses livros infantis o compromisso com a história oficial, com os heróis pátrios e com os conteúdos escolares mais ortodoxos, um exame mais atento da produção infantil contemporânea revela a permanência da preocupação educativa, comprometida agora com outros valores, menos tradicionais e acredita-se — libertadores.

Por fim, a industrialização da cultura, além de intensificar a produção do livro, também favoreceu alguns gêneros, como o mistério policial e a ficção científica. Além disso, os livros infantis brasileiros enfatizaram os desenhos e ilustrações, que deixaram de ser um elemento secundário e passaram a ser destaque nas narrativas.

3 LEITURA: CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS

O conceito de leitura toma forma a partir da compreensão do mundo que nos cerca, sendo que o conhecimento vai além de decifrar as palavras e dar sentido a elas. Nesse sentido, o processo exige a interação entre leitor e texto. Angela Kleiman (2004, p. 10) conceitua a leitura como:

[...] um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor- que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, está pressuposta neste trabalho; não é o foco da discussão, mas é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos integrantes à distância via texto escrito.

Assim, a autora dá um sentido amplo ao conceito de leitura e coloca a interação entre as partes do texto como sendo parte deste ato. Entende-se que ler é compreender a mensagem que o autor quis passar, sendo que esta pode estar na forma escrita ou nas mais diversas formas de comunicação, o que resulta na leitura de mundo, uma vez que é preciso compreender as diferentes mensagens para vivenciar a sociedade atual. Além disso, o leitor utiliza seu conhecimento prévio para compreender o que está escrito e dar sentido ao texto.

Outrossim, entende-se, para que haja a compreensão, é preciso utilizar também o conhecimento textual, que diz respeito a todas as noções e conceitos que se tem de texto. Por exemplo, para ler um texto narrativo ou argumentativo, utilizam-se estratégias diferentes, a fim de que se chegue à compreensão destes. Logo, é importante que se conheça o que é o texto, quais suas características, bem como todos os elementos que fazem uma sequência de palavras se transformar em um texto.

Por fim, o conhecimento de mundo serve como base para que, a partir das vivências, realidades de vida e experimentações, o sujeito possa formular o seu entendimento de texto. Consoante a Kleiman (2004, p. 21), “[...] para haver compreensão, durante a leitura, aquela parte do nosso conhecimento de mundo que é relevante para a leitura do texto deve estar ativada, isto é, deve estar num nível ciente, e não perdida no fundo de nossa memória”. Desse modo, para entender a questão interativa, não se pode esquecer de que existe um processo cognitivo que possibilita essa interação, conforme postula Richard Bamberger (2004) ao conceituar

a leitura com base nos aspectos cognitivos. Segundo o autor, ler é um processo mental que exige muito do cérebro, pois:

A leitura foi outrora simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém, a pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em processos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. [...] Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente; a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual. (BAMBERGER, 2004, p. 10).

Sendo assim, ao analisar a leitura desse modo, o autor envolve várias habilidades que são desenvolvidas, além das diversas funções neuronais que são trabalhadas no ato de ler. Tudo isso se dá com o objetivo de fazer com que a interação entre autor e leitor ocorra tranquilamente, visto que compreender um texto é entender o que está escrito verbalmente, bem como nas entrelinhas, que permitem o uso do conhecimento de mundo e de texto. Nesse contexto, a leitura envolve várias operações cerebrais, como a memória, decifração de letras, entre outras. Não está somente no que está diante dos olhos, mas no que está por trás dessas informações não visuais.

Não obstante, o processo de leitura envolve os objetivos (com qual finalidade se lê) e a motivação para a leitura (sentir-se motivado para a atividade). Todo leitor faz essas reflexões antes de ler, visto que a leitura é utilizada como um canal para aprender sobre algo, para colocar em funcionamento ou simplesmente pelo prazer que a prática proporciona nos momentos de lazer. Ademais, o processo de leitura não apenas aprimora o simples ato da decodificação do código escrito, mas também estabelece relações entre o conhecimento prévio do leitor com a mensagem que precisa ser compreendida. Por isso, pode-se afirmar que o leitor constrói o significado do texto, visto que o receptor usa os seus próprios conhecimentos para criar um novo sentido ao que está escrito. De acordo com Ingedore Koch e Vanda Elias:

A leitura é pois, uma atividade interativa e altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11).

A partir de então, as estratégias de leitura assumem um papel importante, pois o leitor estabelece previsões, formula hipóteses, verifica o que foi dito, ou seja, são um conjunto de ações que o ajudam a compreender melhor o que lê. Nesse modelo interativo de leitura, o receptor participa ativamente de um processo de construção de representações mentais, as quais constituem a compreensão. Ao utilizar esses procedimentos com o objetivo de alcançar o entendimento do que lê, pode-se dizer que todos os leitores leem porque têm um objetivo, podendo ser de informação, estudo ou prazer.

Dentre esses procedimentos, o papel das estratégias de leitura se faz presente como um conjunto de ações exercidas pelo leitor durante o processo de leitura com uma natureza flexível, tais como: o comportamento verbal e não verbal do leitor, o tipo de resposta que ele dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que faz, de suas paráfrases, a maneira como manipula o objeto (se sublinha, folheia sem se deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente, se relê), entre outros. Nesse sentido, a combinação dos conhecimentos prévios e os elementos de decodificação é o que permite ao leitor adotar a melhor estratégia que o auxilie na sua compreensão leitora.

De acordo com Vygotsky (1996, p. 350), “[...] o desenvolvimento da linguagem como meio de comunicação, como meio de compreensão da linguagem dos que a rodeiam, representa a linha central do desenvolvimento da criança”, pois a concepção de leitura é um processo complexo de compreensão e produção de sentidos. É um ato criativo de construção, que surge a partir de um texto criado por outros sujeitos e internalizados pelo leitor. Nesse sentido, a leitura é capaz de humanizar e possibilitar o desenvolvimento da linguagem para que se possa efetivar o pensamento reflexivo. Assim, a Literatura, sendo a base mais elaborada, tem a função de sensibilizar o leitor, pois amplia a sua noção de sujeito social, ético e moral.

Nota-se, desse modo, a importância da leitura de textos literários na formação de um leitor crítico, com vivências que se baseiam na sua sensibilidade e a necessidade de introduzir, já na infância, a Literatura antes mesmo do domínio da linguagem, pois é por meio dessa interação que ocorrerá, mais facilmente, a apropriação da língua e da cultura. De acordo com Michèle Petit (2008, p. 71), a Literatura permite, além da apropriação da língua, uma abstração das experiências

vividas, afinal, “[...] quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo.”

Ademais, a Literatura ocupa um lugar importante na formação cultural das pessoas, pois faz referência a áreas artísticas que se beneficiam de suas contribuições. Consegue transferir às gerações posteriores a essência do humano, promovendo a sutileza do espírito. Destaca-se, então, a importância da escolha do texto, uma escolha individual que aceita opiniões, porém que abre espaço para o gostar ou não da obra. Nesse caso, o *sabor* precisa acompanhar o *saber* e o leitor permitir ser tocado pelo texto para que ocorra um encontro de subjetividades. Por isso, a criação textual parte da percepção, do sentido de observação e da análise elaborada pelo autor. É a escolha e capacidade de elaboração da linguagem que irão transmitir as emoções, sensações, sequência lógica, para que o desenrolar da história mantenha a verossimilhança.

Nessa perspectiva, a primeira importância do texto literário se revela pela competência da elaboração, uma condição única de ver e sentir o mundo, uma vez que um indivíduo expõe sua visão de mundo para com os outros, conseguirá alcançar uma outra dimensão humana, ou seja, a verdadeira humanidade. Consoante Walcyr Carrasco (2016, p. 51), “[...] ler é compartilhar sentimentos, experiências, a imaginação, e os lados luminosos, mas também obscuros, do autor. Entregar-se a um livro é estar presente em outras vidas.” Essa entrega será igualmente compartilhada pelo leitor em um estado de profunda compreensão. Afirma-se, então, que a Literatura, quando compartilhada, é capaz de humanizar, dimensionar e redimensionar o mundo e os seres humanos, pois a linguagem é um fator essencialmente cultural, tal como o fenômeno literário.

3.1 BRASIL: REALIDADE LEITORA

A história da leitura avança para além do texto, lidando com uma instituição (a escola), uma técnica (a escrita) e uma tecnologia (a fixação da escrita num meio físico). Ao longo dos anos, os processos de fixação foram sendo modificados em busca da facilitação e da socialização. Por isso, a história da leitura consiste na história das possibilidades de ler, sendo que a leitura não constitui somente uma ideia, mas uma prática que é exercida individualmente e resulta numa concepção da sociedade.

Consoante Failla (2016, p. 21), “[...] a leitura transforma, informa, emociona e humaniza. [...] É a principal ferramenta para a aprendizagem e para a educação de qualidade, e condição essencial para o desenvolvimento social de uma nação”.

Além disso, no ato de ler, está implícito todo um processo que demanda o uso de alguns fatores, a saber: os fisiológicos, pois é uma atividade neurológica; e os biológicos pelo uso do olho humano e da capacidade de fixar a visão, além da audição e tato. Por isso, sobre o processo de leitura, deve-se pensar em dois momentos importantes: o primeiro que se refere à decifração ou decodificação dos símbolos gráficos; e o segundo diz respeito à captação do significado de um texto. Essas duas formas são complementares e exigem do leitor diferentes operações cognitivas, explanadas a seguir:

Ler é, simultaneamente, um ato individual e social que implica, não só, a decodificação de caracteres escritos como a atribuição de um significado para o que se lê. Ler não se limita, pois, como já vimos anteriormente, à decodificação de sinais gráficos, mas envolve também a inferência do que lhe está implícito. Requer associações, imagens, raciocínios, como se de uma arte se tratasse. Da mesma forma, o conceito de leitor competente define aquele que é capaz de, hoje em dia, perante o impacto constante de informações a que as sociedades estão sujeitas, em diferentes suportes e linguagens, de aceder, interpretar, filtrar com sentido crítico e fazer uso dessa informação no seu quotidiano. (MANATA, 2011, p. 26).

Nessa perspectiva, compreende-se que a aprendizagem da leitura é um processo complexo e lento, que exige motivação, esforço e prática continuada, sendo um movimento interativo entre várias áreas: o leitor, seus conhecimentos, as suas motivações, interesses e postura. Dessa forma, quando se pensa em leitura, é necessário considerar primeiro o prazer, a fruição, e não a obrigação, pois existem dois tipos de estruturas do sujeito no ato de ler: as cognitivas e as afetivas. As primeiras têm relação com os conhecimentos de mundo e língua do leitor. As afetivas têm efeito com os interesses da leitura, a atração ou indiferença pelo ato. É um processo de construção de sentidos entre o leitor (indivíduo e sociedade), o texto (como fator histórico e social), o autor (sujeito condicionado histórica e socialmente) e o contexto que envolve as práticas socioculturais. Portanto, ler é uma espécie de encontro entre um emissor e receptor por meio do texto.

Sob esse viés, existe a relação entre a leitura e a percepção que o jovem vem a ter de si. Atualmente, muito tem se falado sobre as práticas de leitura, principalmente, dos jovens em relação ao seu desinteresse e preferência pelas mídias

sociais. Entretanto, não são levados em consideração diversos fatores que contribuem, ou não, para esse hábito. Entre os aspectos que podem determinar o gosto pela leitura, estão: ter nascido em uma família de leitores; ter estudado em um ambiente que se preocupe com o hábito de ler; o preço do livro; o acesso ao livro e o valor simbólico que este tem para a população. Além disso, a questão das bibliotecas não se limita somente a construí-las, mas sim à manutenção dos espaços, o cuidado, a atualização do acervo e inclusão de programas de incentivo do seu uso.

Não obstante, existe um tabu sobre a atividade da leitura, pois algumas pessoas declaram que não gostam de ler ou não têm tempo para isso, o que reforça a ideia de que, no país, o hábito de leitura não é considerado essencial. Entretanto, a leitura é tudo que se percebe do mundo, o sujeito está o tempo todo lendo com seus sentidos. Por isso, pode-se dizer que um texto não é só formado pelas simples linhas que o compõem, existem as entrelinhas e o conhecimento do mundo.

Conforme explica Wolfgang Iser (2002), em seu trabalho *O jogo do texto*, a relação entre autor-texto-leitor possibilita, a partir do que é exposto, a criação de algo novo. É o jogo que ocorre entre autor e leitor, no campo do texto, que faz com que ocorra a imaginação e interpretação do mundo. São essas ações que possibilitam ao receptor visualizar as muitas formas possíveis do mundo. Sabendo que o texto é ficcional, este é apresentado como não real, mas passível de ser. Ademais, o texto, composto pelo discurso e constituído pela linguagem é, em essência, a articulação entre a escrita, leitura e a troca que estabelecem o sentido ou novos sentidos que queira veicular.

Consoante ao Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL (BRASIL, 2006), no Brasil, lê-se muito por obrigação, e não por gosto, uma vez que, tirando os livros cobrados pela escola, os jovens não leem mais do que dois livros por ano. Além disso, outra questão que dificulta o desenvolvimento pelo gosto da leitura é a do analfabetismo funcional – indivíduos que, embora saibam reconhecer letras, são incapazes de compreender textos simples. No Brasil, conforme pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), 50% dos entrevistados declararam não ler livros por não conseguirem compreender seu conteúdo, embora sejam tecnicamente alfabetizados. Dessa forma, percebe-se que esses fatores contribuem para o afastamento das pessoas em relação à leitura, uma vez que a prática não se torna prazerosa, mas sim um esforço para compreender o que está escrito. Destaca-se

também que a leitura não deve ser entendida como uma obrigação, mas sim algo que irá enriquecer a vida de seus leitores, ampliando sua visão de indivíduo e de sociedade.

O teórico francês Roland Barthes, em seu livro *O prazer do texto*, explica a diferença entre o texto de prazer e o de fruição. Segundo Barthes (1973, p. 21-22):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

O autor reflete que, se um texto não dá nenhum trabalho de decifração, nenhum mistério, este é um texto de prazer, porém não acrescenta em nada ao conhecimento, à bagagem de quem o lê. Já o texto de fruição é aquele que, ao fugir das regras, revela o que o sujeito não sabe, o que não conhece e desconforta. No entanto, não há outro caminho para o conhecimento senão aquilo que nos acrescenta algo quando obriga a buscar a compreensão. Desse modo, o texto “difícil” pode ser, exatamente, o produtivo, aquele que leva à exaustão, mas também leva a grandes descobertas. Por isso, é necessário desenvolver o gosto pela leitura desde a infância, pois, assim, o leitor terá como hábito o desafio da descoberta, estará aberto ao novo e conseguirá ampliar sua noção de mundo.

Posto que a leitura é fundamental para a plena realização do ser humano e da capacidade para entender o universo que o cerca, quem lê aumenta o seu discernimento e repertório de atuação. Uma sociedade leitora possui mais chances de resolver problemas e melhorar suas relações interpessoais, uma vez que a leitura qualifica a relação do ser humano com o todo. Não obstante, Candido (2004) defende o direito à leitura como um fator indispensável de humanização, uma vez que a Literatura não corrompe nem edifica, mas traz livremente em si o bem e o mal, humaniza e faz viver. É uma manifestação universal de todos os homens e um instrumento poderoso de instrução e educação para os indivíduos se reconhecerem enquanto cidadãos críticos e participativos das tomadas de decisões.

Em relação aos leitores das diferentes épocas, o leitor da era digital é tido como imersivo e virtual, segundo Lucia Santaella (2004, p. 33):

[...] cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode conter uma outra grande rede numa outra dimensão. Enfim, o que se tem aí é um universo novo que parece realizar o sonho ou alucinação borgiana da biblioteca de Babel, uma biblioteca virtual, mas que funciona como promessa de se tornar real a cada “clique” do mouse.

Nesse sentido, as gerações que nasceram na época da tecnologia acabaram desenvolvendo uma forma de ler diferente de todas as mudanças que ocorreram ao longo dos séculos, pois a era digital acarretou “[...] transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental” (SANTAELLA, 2004, p. 34). Por isso, o objetivo deste estudo é entender o perfil, as motivações e o pós-leitura dos jovens leitores.

3.2 JOVENS BRASILEIROS E SUA RELAÇÃO COM A LEITURA

É sabido que, de acordo com o baixo desempenho nos exames nacionais, a falta de habilidade leitora é o maior agravante. Além disso, nesse cenário, os programas de incentivo à leitura só foram implantados, no Brasil, a partir de 1990, visto que, durante muito tempo, os livros eram restritos à população, pois continham ideias “perigosas”. Dessa forma, entende-se por que a sociedade brasileira não possui o hábito de ler em comparação com outros países. Segundo a 4ª edição da Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2016, o estudo mais completo sobre comportamento do leitor brasileiro, o número de livros lidos por habitante equivale a 2,43 por ano (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). É um número baixo se comparado a alguns países orientais, como a Índia e a China, que são os que mais leem no mundo. Na verdade, o que chama atenção é que o brasileiro não lê pouco, ele lê muito conteúdo, porém, em sua maioria, de pouca profundidade. Além disso, no país, não é incentivada a leitura como forma de apropriação cultural, o que torna mais distante a realidade de uma população leitora de livros.

Ademais, o gosto pela leitura vem, principalmente, da infância, tendo grande influência da família. Nessa premissa, é no grupo da família que se intensifica o hábito, pois ela é primordial para a formação de novos leitores, conforme explica Joana Gouveia:

Este poderoso incentivo deverá iniciar-se muito cedo, bem antes do início do percurso escolar. No contexto familiar, há a considerar não só o espaço físico como também as relações humanas que contribuem para a introdução das crianças neste maravilhoso mundo. A família é o primeiro modelo de identificação da criança, pois é ela quem primeiramente a confronta com materiais, lhe cria expectativas, lhe dá apoio e a estimula. (GOUVEIA, 2009, p. 19).

Em relação aos jovens estudantes, percebe-se um conflito entre os livros de interesse dos alunos e as imposições da escola, uma vez que estas não são atrativas para os estudantes. Dessa forma, é preciso encontrar alternativas para mediações harmoniosas, a fim de que os estudantes tenham interesse em ler e também que as propostas de leitura da escola sejam bem-sucedidas.

Uma das medidas é iniciar com foco na autoidentificação do aluno, pois, muitas vezes, estes não têm espaço para expressar suas opiniões a respeito da leitura, visto que grande parte dos professores utiliza questionários padrões. Conforme explica Carrasco (2016, p. 52) “[...] a formação de leitores está relacionada com uma experiência a ser desfrutada. À medida que o leitor se sofisticava, exige livros mais elaborados, que o façam pensar, refletir sobre a vida e a condição do ser humano”. Por isso, é importante identificar a relação do jovem com o livro e qual a melhor forma de incentivar a prática de leitura como algo prazeroso, que instigue o estudante a ler por gosto.

Outra questão que precisa ser levada em consideração é o fato de que muitas aulas de Literatura não exploram os textos, falta um espaço para discutir as obras em um nível mais subjetivo. As atividades são voltadas às fichas de leitura, com perguntas padronizadas de interpretação, que acabam afastando o aluno da obra por não trazer sentido à sua realidade. Nesse contexto, para Roger Chartier (2002), a leitura deve ser analisada numa perspectiva relacional para que não se incorra no erro de considerar que existe apenas uma forma de leitura. Não é o texto que determina soberanamente o tipo de compreensão que se tem da mensagem. As condições concretas de leitura determinam formas também distintas de sua realização. Diferentes “comunidades de leitores” e “tradições de leitura” ensejam distintas relações com a mensagem impressa no livro, bem como com os diferentes significados que tanto o livro como a leitura têm para leitores diversos (CHARTIER, 2002).

Ademais, o acervo disponibilizado na escola, geralmente, não é atualizado ou possui poucos exemplares disponíveis para a retirada. Com isso, a frequência de uso de bibliotecas escolares acaba sendo baixa e desinteressante para os alunos. Isso revela a necessidade de se repensar e modernizar esses espaços, pois os jovens acabam encontrando em livrarias, *e-books* e feiras os acervos que a escola não tem. Nesse sentido, quando se fala em preferências, é preciso pensar na relação da Literatura infanto-juvenil com as leituras de massa, de que forma agregam ao conhecimento de mundo e vivência desses estudantes. O mais importante não é confirmar se os jovens estão motivados ou não, mas quais as razões que estão subjacentes às suas motivações, pois uma vez que se sentem atraídos pelo texto, irão realizar as atividades por vontade própria, desfrutando dos desafios e da satisfação do resultado. Nesse sentido, Carrasco discorre sobre a relação com os livros:

Não creio que os livros estejam divididos entre bons e ruins, mas entre aqueles que fascinam ou não um leitor em dado momento de sua vida. O hábito da leitura implica um processo de sedução. Os primeiros livros têm, por assim dizer, que “fisgar” o leitor, para que mais tarde ele se disponha a usufruir dos mais complexos. Quando alguém cria uma relação intensa e profunda com os livros, ler se torna parte de sua vida. (CARRASCO, 2016, p. 48-49).

Outrossim, muitos estudantes afirmam que não gostam de ler, pois veem a prática como algo sério, uma exigência, e não como uma atividade prazerosa. Por isso, inicialmente, é interessante utilizar obras que interessem ao jovem para despertar seu interesse e, depois, passar para a Literatura tradicionalmente exigida nas escolas. Sob esse viés, deve-se levar em conta as características do público-alvo para atraí-lo aos outros textos. Nesse sentido, é necessário rever o que dialoga entre o tradicional e o novo, contrapondo os textos canônicos com outras alternativas de leitura, conforme comenta Carrasco:

[...] que o livro não se tratava apenas de um enfeite na estante. Nem uma obrigação árdua. Mas de uma possibilidade de conhecer outras vidas, deixar a cidadezinha do interior para atravessar os desertos árabes. Para mim, como já disse, a criação de um sentimento prazeroso propicia o hábito da leitura. Muitas vezes, na sala de aula, o livro surge como uma imposição, como um inimigo a ser enfrentado, eliminado o mais rápido possível da vida do estudante. (CARRASCO, 2016, p. 50).

Sob essa perspectiva, o grande desafio que se encontra em despertar o hábito da leitura em jovens estudantes é que muitos não percebem a prática como algo essencial ao seu processo de aprendizagem e constituição enquanto sujeitos. A antropóloga francesa Michèle Petit postula sobre a importância da leitura que é, antes de tudo, um ato de liberdade, que foge a qualquer controle externo, pois não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado. A autora enfatiza o papel da leitura para a construção da identidade, especialmente, na adolescência. A leitura é importante quando mostra ao indivíduo que é possível “[...] sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, [...] ter direito a tomar decisões [...], em vez de sempre se submeter aos outros.” (PETIT, 2008, p. 100). Desse modo, a leitura envolve um processo de apreensão/compreensão de informações que são armazenadas em um suporte e transmitidas mediante códigos como a linguagem – escrita, sonora ou pictórica.

Além disso, há uma preocupação em relação à qualidade da leitura dos jovens, visto que, após o processo de erradicar o analfabetismo, surgiu um novo problema social e educacional, o analfabetismo funcional. O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) apresentou, em 2018, dados em que 29% da população brasileira ainda possui dificuldades para interpretar e aplicar textos e realizar operações matemáticas simples no cotidiano (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2016).

Com isso, Soares (2014) afirma que os brasileiros são alfabetizados, mas não letrados. Contudo, a autora ressalta a necessidade de analisar o contexto do que se está ensinando às crianças e aos jovens, pois cada tipo de leitura demanda um objetivo específico de formação, contexto histórico e social. Ademais, é necessário pensar sobre qual aptidão se deseja para os indivíduos. Ela afirma que: “[...] é preciso esclarecer uma faceta fundamental do problema: quando se diz que o brasileiro lê pouco ou lê mal, o que se está entendendo por ler? Lê pouco o que? Lê mal o quê?” (SOARES, 2014, p. 30). Outrossim, defende que:

[...] não se lê um editorial de jornal da mesma maneira e com os mesmos objetivos com que se lê de Veríssimo no mesmo jornal; não se lê um poema de Drummond da mesma maneira e com os mesmos objetivos com que se lê a entrevista do político; não se lê um manual de instalação de um aparelho de som da mesma forma e com os mesmos objetivos com que se lê o último livro de Saramago. (SOARES, 2014, p. 31).

Nessa perspectiva, as tecnologias possibilitaram a disseminação da leitura em outro nível, como o surgimento do hipertexto, o qual o aluno pode viajar por diferentes áreas correlacionadas ao assunto, pois “[...] o leitor torna-se um dos atores de uma escritura a muitas mãos ou, ao menos, encontra-se na posição de constituir um texto novo a partir de fragmentos livremente recortados e reunidos”. Podendo intervir a qualquer momento nos textos, o leitor pode “[...] modificá-los, reescrevê-los, torná-los seus” (CHARTIER, 2002, p. 42-43).

Ademais, é preciso compreender o processo de criação da escrita e seus suportes para refletir sobre os diferentes tipos de leitores. Dentre essas modificações, a mais visível é em relação ao texto eletrônico, que aproxima o contato entre leitor e autor, o que não ocorre no texto impresso, em que não há a intervenção do leitor no livro. Outra mudança é a apresentação dos livros, pois a forma de leitura e a proximidade com as telas modificam o modo como o leitor se relaciona com o texto.

Nessa perspectiva, as redes de sociabilidade são estabelecidas para além do mundo virtual, as chamadas comunidades de leitores, que revelam a importância que os jovens dão à experiência de compartilhar suas leituras. Essas novas práticas constituem a experiência de troca, contrapondo o modelo clássico de leitura individual em seu espaço virtual. Portanto, a partir desses levantamentos, torna-se necessário repensar a ideia de que os jovens não leem, mas o que é considerado leitura e as formas de praticá-la.

3.3 RETRATOS DE LEITURA: UM OLHAR SOBRE A REALIDADE DO BRASIL

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* teve sua primeira edição em 2001, seguida de 2007, 2011, 2015 e 2019. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. Nesse sentido, os dados revelam que, de 2011 a 2015, houve um crescimento de 50% para 56% da população leitora no Brasil. Todavia, de 2015 a 2019, esse número foi para 52%. Com isso, percebe-se que há muitos desafios para tornar o cidadão um leitor de fato, visto que um pouco mais de um livro foi lido por inteiro nos três últimos meses da pesquisa. Salienta-se que, no referido estudo, é considerado “leitor” o indivíduo que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. E “não-leitor” aquele que não leu nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses. Na última pesquisa feita, em 2019, foram

entrevistadas 8076 pessoas em 208 municípios do país. Entre as questões abordadas, estão: como se interessou pela leitura, o que influenciou na escolha do que ler, indicação do último livro de Literatura, autores que mais gosta, leitura de sagas e séries. Ressalta-se que, desse total de entrevistados, 73% não estavam estudando, 27% estavam matriculados em alguma instituição de ensino (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

As respostas obtidas a respeito da motivação para ler são variadas, porém as que mais se destacam são: 38% leem por gosto, 17% para crescimento pessoal e 14% para distração. Além disso, os fatores que influenciam na escolha do livro são: tema ou assunto, dicas de outras pessoas, título do livro, capa, dicas de professores, autores, entre outros. Sobre os gêneros que costumam ler, em destaque, estão: bíblia, contos, livros de religiões, romances e didáticos. Uma curiosidade interessante é que os romances citados na pesquisa são menos lidos do que os livros religiosos e o número de livros de Literatura lidos ainda é baixo. Por fim, os lugares que frequentam para a leitura são: casa, sala de aula, bibliotecas em geral, trabalho, meios de transportes, entre outros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Outrossim, do total de entrevistados, 82% afirmam que gostariam de ter lido mais. O maior empecilho para isso, segundo as respostas, é a falta de tempo, seguido da preferência por assistir à televisão e usar a internet. É perceptível também que, por conta da tecnologia, nunca se leu e escreveu tanto, visto que a busca por conhecimento se torna mais acessível e rápida. No que se refere ao gênero das pessoas classificadas como leitoras, as mulheres leem mais do que os homens. Além disso, a maior escolaridade do indivíduo está atrelada a uma maior quantidade de materiais lidos e sua relação que estabelece com a leitura. Desse modo, a maior escolaridade está associada a melhores indicadores de leitura; há mais leitores entre os que tem nível superior; crianças entre 5 e 17 anos estão lendo mais por vontade própria. Dentre esse número maior de leitores, a maioria mora em capitais e municípios com mais de 100 mil habitantes, principalmente, na Região Sudeste. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Além disso, quando questionados sobre a influência para a leitura, 66% responderam que ninguém influenciou. Porém, para os 34% que responderam sim, está em primeiro lugar algum professor ou professora e, em segundo lugar, mãe ou responsável do sexo feminino. Percebe-se, também, que há mais leitores entre as

peessoas que possuem ensino superior, pois o aumento da escolaridade está associado a melhores indicadores de leitura. Ademais, quando questionados se estavam lendo algum livro no momento, apenas 44% responderam que sim, o que revela uma média, por pessoa, de 1,8 livros lidos por ano (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Por fim, as perguntas relacionadas às leituras em outros suportes indicam que as atividades mais realizadas, na internet, são: trocar mensagens nas redes sociais, assistir a vídeos ou a filmes/séries, escutar música, jogar, entre outros. Em relação à leitura na internet, as respostas foram: ler informações e notícias em geral, aprofundar o conhecimento em temas do seu interesse, estudar e fazer trabalhos, ler, entre outros. Nesse sentido, com o advento da tecnologia, os jovens buscam cada vez mais as redes como forma de interação, pesquisa e conhecimento. Entretanto, a leitura de livros digitais ainda é inferior à leitura dos impressos, visto que, na pesquisa, 92% das pessoas estão lendo ou leram por último o livro em papel e somente 8% no formato digital. Além disso, quando questionados sobre a predileção entre ambos os suportes, 67% responderam que preferem o impresso; 17%, o digital; e 16% não têm preferência, ou seja, gostam de ambos. Já entre os leitores de livros de Literatura, 70% preferem ler livros em papel (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Dessa forma, com o avanço da tecnologia, surgiram os *audiobooks* para otimizar o tempo do leitor. Na pesquisa, 20% responderam que já utilizaram tal recurso e 79% afirmaram que não. Entre os que escutaram, a maioria está no ensino superior e pertence à classe B (pessoas com renda entre R\$ 10 mil e R\$ 20 mil. Com esses resultados, é possível perceber que o acesso à leitura se tornou mais democrático, visto que os leitores que não conseguem comprar livros podem ter acesso pela internet, baixando gratuitamente, e também ouvindo por meio de plataformas digitais. Não há como negar que as novas formas de leitura estão presentes, majoritariamente, entre os mais jovens. Contudo, o gosto pelos livros de papel ainda é maior, pois, para muitos, há uma relação profunda de conexão com o livro, a capa, o cheiro, a cor das páginas e também o apego simbólico ao objeto (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Seguindo essa premissa, o mapeamento feito pela pesquisa Retratos de Leitura indica que o acesso aos livros se dá, principalmente, pelo empréstimo entre amigos, familiares e colegas, sendo que a metade dos estudantes não compra livros.

Em relação à compra, o mercado de livros é movimentado por cerca de $\frac{1}{4}$ dos brasileiros (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Por isso, destaca-se a importância da promoção da leitura e a ampliação no número de leitores e livros lidos, pois impactará positivamente esse mercado de venda, visto que, segundo matéria publicada no portal Terra (2019), o mercado editorial brasileiro encolheu mais de 20% em uma década, com perdas que somam R\$ 1,4 bilhão. Desde 2012, o número de lojas no Brasil caiu de 3.481 para 2.500 – bem abaixo do que a Unesco recomenda (TERRA, 2019).

Outros aspectos levantados na pesquisa dizem respeito ao uso e à percepção que os leitores têm sobre as bibliotecas. Quando questionados acerca do que representa esse espaço, as principais respostas foram: um lugar para estudar e pesquisar; um local para emprestar livros; um espaço voltado para estudantes e todas as pessoas, entre outras. A respeito da existência de biblioteca pública, na cidade ou bairro, em 2019, 47% responderam que existe e 45% disseram que não. Quando questionados sobre a frequência de uso desses espaços, 68% disseram que não frequentam. Especificamente no grupo de estudantes, 37% afirmaram que não visitam a biblioteca. Entre leitores, esse percentual é de 52%. Ao se criar um perfil do frequentador de biblioteca, nota-se que mais da metade são mulheres, em sua maioria pertencentes à classe C, 60% ainda estuda, principalmente, no Ensino Fundamental II e Ensino Médio e destacam-se as Regiões Sudeste e Nordeste, as quais possuem mais frequentadores de bibliotecas (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Além disso, na pergunta “o que faria frequentar mais a biblioteca”, as respostas foram: ter mais livros ou títulos novos, ter títulos interessantes ou que agradem, ser mais próxima de casa ou de fácil acesso, ter atividades culturais, ter internet, entre outras. Já entre os motivos para não ir, estão: não ter tempo, não gostar de ler, não ter bibliotecas próximas, prefere ler em casa ou em outros lugares, não gosta de bibliotecas, não têm necessidade, entre outros. Outro questionamento feito diz respeito às bibliotecas escolares e universitárias. Em relação à sua existência, 84% disseram que há bibliotecas e 90% confirmaram que os alunos podem frequentar quando precisam. Em relação aos funcionários, 86% afirmam que há alguém para atendê-los e quando questionados se procuram livros nesses espaços, 73% disseram

que sim. Entretanto, somente 58% encontram os livros que procuram (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Sendo assim, com este mapeamento, é possível vislumbrar o perfil e comportamento do leitor brasileiro, as motivações, acesso a livros e também o que concorre com a leitura no tempo livre dos indivíduos. Nesse contexto, nota-se a necessidade de incentivar leitores autônomos, que gostem de ler, pois é por meio dessa ação que se libertam de paradigmas e promovem o protagonismo no acesso à cultura e ao conhecimento. Além disso, o Indicador Nacional de Alfabetização (INAF), constata que um em cada quatro brasileiros domina plenamente a leitura e a escrita. (AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2016). Por isso, a leitura é o mais importante instrumento de liberdade, pois os leitores possuem um repertório mais diversificado de atividades culturais e sociais, além de mais disposição para vivenciar e ocupar o próprio tempo.

3.4 A ESCOLA E O SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS LEITORES

As mudanças advindas do período de industrialização influenciaram a educação. Até então, o objetivo era a alfabetização das massas, visando ao treinamento para o trabalho. A população era instruída para o mínimo, pois havia o medo de que se perdesse o controle sobre esses sujeitos. Isso também tem relação com dois importantes períodos da história do país: colonização e escravidão. Em relação à primeira, o intuito era catequizar os indígenas para serem “civilizados”, tais como o povo europeu. E o mesmo aconteceu com a escravidão, pois era alto o custo da escolarização. Dessa forma, por muito tempo, no Brasil, apenas a elite foi escolarizada (BOMENY, 2009).

Outrossim, durante a formação da sociedade brasileira, pouco se investiu em políticas que difundissem a cultura letrada. Pelo contrário, a promoção sempre serviu aos interesses das classes dominantes. Por exemplo, ainda no início do século XX, o índice de analfabetos no país era de 76,4%. Somente a partir dos anos 60 o número de alfabetizados superou o de analfabetos. Além disso, durante muitos anos, o voto do analfabeto foi negado, o que mostrava que este não tinha poder de decisão sobre os rumos do Brasil (BOMENY, 2009). Nessa perspectiva, nota-se a necessidade e a importância de se investir em políticas públicas que visem ao desenvolvimento da sociedade enquanto leitora e participativa nas tomadas de decisões.

Em relação aos documentos norteadores do ensino básico, o eixo Leitura, segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), tem seu foco voltado para o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação da leitura e, ainda, identificação de gêneros textuais que são compreendidas como competências específicas da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Já no que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o domínio da leitura e escrita é considerado como referencial para atestar o nível de qualidade do ensino na rede escolar e tem como objetivos gerais o ensino da Língua Portuguesa:

Utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construídas em várias áreas do conhecimento;
Conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico;
Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades. (BRASIL, 1998, p. 32-33).

Sob esse viés, o papel da escola constitui o espaço por excelência de aprendizagem e valorização da leitura. Isso porque, junto à difusão da escrita e da impressão, facilita o desenvolvimento de uma sociedade leitora. É notório que a leitura é fundamental para a plena realização do ser humano e da capacidade para entender o mundo.

Dessa forma, tem-se três eixos norteadores para este hábito: a família, a escola e as bibliotecas. A primeira é essencial para a formação e iniciação ao mundo dos livros. A escola é voltada ao papel do professor como incentivador da leitura, devendo este apresentar bons livros aos alunos e despertar a curiosidade neles para que ocorra a valorização dos exemplares. Concomitante ao segundo eixo, surge a biblioteca como local fundamental para ampliar o acesso aos livros, visto que é um direito básico do exercício da cidadania o contato com a leitura. Com isso, consoante Bomeny (2009), a Unesco definiu alguns fatores essenciais para instigar os leitores:

- a) o livro deve ocupar lugar de destaque e deve ser valorizado;
- b) famílias leitoras que influenciem seus membros;
- c) escolas que formem leitores;
- d) o preço do livro deve ser acessível a maioria; 5) a garantia do acesso ao livro.

Percebe-se, portanto, que a diversidade cultural não diz respeito somente à escola, mas também à família, mídia e sociedade, que influenciam a cultura, conforme exemplifica o documento do Plano Nacional do Livro e Leitura:

A leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja individual ou coletivamente. Há a convicção de que somente assim é possível que, na sociedade da informação e do conhecimento, o indivíduo exerça de maneira integral seus direitos, participe efetivamente dessa sociedade, melhore, em amplo sentido, seu nível educativo e cultural, fortaleça os valores democráticos, seja criativo, conheça os valores e modos de pensar de outras pessoas e culturas e tenha acesso às formas mais verticais do conhecimento e à herança cultural da humanidade. (BRASIL, 2006, p. 36).

Sendo assim, a escola exerce um papel fundamental na formação leitora e não pode se limitar a desenvolver habilidades de leitura em um determinado tipo ou gênero textual. Uma das questões levantadas por Petit é em relação às listas de leitura. Na visão da autora, o mediador “[...] deveria poder dar, a cada leitor, uma oportunidade de encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular” (PETIT, 2008, p. 184). Quanto à escolha e à indicação de obras, lembra que é perigoso oferecer aos jovens apenas o que eles desejam, deixando de lado obras clássicas que poderiam ampliar seus horizontes, o que contribui com a segregação que reserva as obras canônicas e mais densas para leitores privilegiados.

Nessa perspectiva, Marisa Lajolo (2018) explica que a escola é uma das grandes responsáveis pela consagração ou desqualificação de obras, uma vez que possui um poder de censura estética sobre a produção literária. Nota-se, então, a importância da instituição no sistema literário, quando, por exemplo, utiliza-se a expressão *clássico* e seus derivados. Inicialmente, a expressão *clássico* era utilizada somente para obras gregas e latinas; posteriormente, passou-se a incluir obras de outras línguas europeias. Além desse significado, acrescentou-se outro: o que é clássico é sempre bom, como se fosse um juízo de valor. Nesse sentido, a escola deve formar um leitor para uma variedade de textos presentes na sociedade, evitando o mero processo de consumo e armazenamento, como se observa:

[...] não podem a escola nem os professores optar por desenvolver habilidades de leitura de apenas um determinado tipo ou gênero de texto: a escola deve formar o leitor da ampla variedade de textos que circulam nas sociedades grafocêntricas em que vivemos, e são diferentes processos de leitura e, portanto, diferentes modos de ensinar; é preciso desenvolver

habilidades e atitudes de leitura de poemas, de prosa literária, de textos informativos, de textos jornalísticos, de manuais de instrução, de textos publicitários etc. etc. (SOARES, 2014, p. 31).

As crianças, quando motivadas, tendem a se tornar leitores habituais no futuro, ao contrário das crianças que não gostam de ler e revelam baixos níveis de motivação para o ato. À medida que os jovens progridem na escola, as suas motivações para a leitura diminuem nas questões relacionadas ao prazer, importância, curiosidade, reconhecimento social e razões sociais.

Nota-se, dessa forma, uma relação entre os processos cognitivos e o rendimento escolar com motivação para a leitura, em tarefas como: raciocínio lógico, cálculo mental, memorização, vocabulário, compreensão, atenção, competências linguísticas, entre outras. Assim, Gouveia (2009) defende que a escola não pode se limitar à imposição das obras definidas pelos programas, devendo respeitar e responder aos gostos dos alunos, a fim de contribuir para o prazer de ler. Nesse aspecto, a escola passa por uma transformação e o livro não é mais o centro de estudo e pesquisa, visto o surgimento de novas tecnologias. Com isso, a escola e os professores se sentem deslocados e desafiados diante desse novo contexto, pois, atualmente, estão disponíveis diversos meios para armazenar e acessar aquilo que antes somente o livro disponibilizava.

Tendo em vista essas questões, o livro deve ser capaz de fazer com que o indivíduo interaja com as múltiplas escrituras disponíveis ao seu redor. Todavia, há um paradoxo que envolve o processo: professores reclamam que alunos não se interessam pela leitura e escrita, contudo o acesso à internet estimula os jovens a lerem e escreverem num ritmo intenso e acelerado, principalmente, por meio das redes sociais. Nesse caso, é necessário repensar o estigma de que os jovens não leem e colocar na equação a pergunta: o que é considerado leitura? Dessa maneira, a escola precisa rever o processo de ensino-aprendizagem para introduzir os recursos tecnológicos em sala de aula e, com isso, atrair mais os jovens para o processo de leitura. A esse respeito, observa-se:

[...] “Formar leitores”, designadamente na escola, é um objectivo cuja concretização varia – nos textos tidos como legítimos, nos factos linguísticos e textuais apresentados 4 como escolares sugeridas como mais adequadas – na escola em que varia o entendimento do que é literatura e, sobretudo, entendimento das suas funções, num dado contexto social; isso é, em grande medida, as formas que toma a escolarização da leitura variam em função do

ideal de sujeito, que em cada momento histórico e social, se quer formar e, naturalmente, depende do projeto político – social para a escola, enquanto instituição que assume essa formação. É possível, pois identificar projetos político – sociais nos quais a formação de leitores significa ora a formação de indivíduos capazes de ler rápida, fluente e eficazmente, e de assim serem capazes de responder às demandas sociais e encaixarem-se nos nichos existentes do mercado de trabalho; ora indivíduos flexíveis [...] e que, também, lendo rápida, fluente e eficazmente, sabem adequar as suas práticas às diferentes situações... (DIONÍSIO, 2014, p. 72).

Pensando nisso, o papel do professor se torna essencial à medida que este é o meio facilitador entre o aluno e o livro. Antes de querer formar bons leitores, é preciso que o próprio professor seja um leitor ativo e conhecedor das obras em circulação. Assim, por meio do exemplo, também conseguirá incentivar seus alunos. Consoante Zoara Failla (2016, p. 20): “[...] ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi ‘conquistado’ e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê.” Sendo assim, a leitura não é necessária só para aprender, mas também pelo prazer que se obtém ao ler bons livros.

Nesse sentido, o educador, enquanto mediador, precisa lançar mão de estratégias que instiguem os estudantes a compreender a importância da leitura para os mais diversos âmbitos de sua vida. Dependendo das atividades propostas, a escola poderá aproximar ou afastar os estudantes da leitura.

Outro aspecto que precisa ser levado em consideração no que tange ao papel e à função da escola, é o espaço destinado à biblioteca. Trata-se de um ambiente necessário, visto que democratiza o acesso ao livro, porém, muitas vezes é pouco utilizado ou atrativo aos seus leitores. Por isso, ao analisar o contexto educacional, o espaço da biblioteca também precisa ser valorizado. Dentre alguns dos fatores pelos quais os jovens, principalmente, não frequentam a biblioteca, estão: a ida até o local, muitas vezes distante, os acervos que não são variados ou atualizados, a falta de interesse pela leitura, o acesso mais instantâneo e diversificado oferecido por livrarias, sites, *e-books*, entre outros. Acerca dessas questões, o Plano Nacional do Livro e Leitura (BRASIL, 2006) instituiu alguns objetivos específicos para incentivar os estudantes e leitores em geral:

- 1º democratização do acesso: implantação de novas bibliotecas, fortalecimento da rede atual de bibliotecas;
- 2º fomento à leitura e à formação de mediadores: busca incentivar programas de captação de educadores;
- 3º valorização da leitura e comunicação: projetar ações e campanhas para valorizar a leitura e o livro;
- 4º desenvolvimento da economia do livro: criar linhas de financiamento.

A partir de então, a biblioteca deve estar em sintonia com as tecnologias da informação e comunicação, integrando o mundo dos livros com o universo digital. É preciso pensar nesse espaço como um centro de informação e cultura, uma forma de educação continuada que precisa ser assistida e amparada, pois é um dos equipamentos culturais mais importantes do Brasil.

Sendo assim, a leitura e a escrita são práticas sociais e culturais que expressam as múltiplas visões de mundo. Constituem elementos fundamentais para a construção de uma sociedade democrática, diversa e que exerça o seu direito de cidadania. Francine Prose (2007) destaca a importância da leitura nestes termos: “Até mesmo antes de aprendermos a ler, o facto de nos lerem em voz alta e escutarmos um texto constitui um processo que nos leva a captar as palavras [...]” (PROSE, 2007, *apud* GOUVEIA, 2009, p. 15). Além disso, são indispensáveis para alcançar níveis educacionais mais altos, desenvolvendo econômica e socialmente um país, pois um país que não é desenvolvido segrega as obras, dificulta a difusão de obras consagradas como clássicas. Logo, a boa Literatura tem alcance universal e tem a ver com a luta pelos direitos de todos, uma vez que o principal obstáculo é a falta de oportunidade, e não a incapacidade (CANDIDO, 2004).

3.4.1 Letramentos múltiplos e as práticas sociais de leitura

As práticas sociais de leitura e de escrita estão presentes nas mais variadas situações e ações do cotidiano, como a leitura de jornal, conversa por mensagem escrita, assistir a vídeos e notícias, entre outras. Diante dessa diversidade de atividades que englobam a capacidade de comunicação, o termo que melhor abrange tal complexidade é *letramentos múltiplos*. Mas o que significa esse conceito?

Atualmente, com as inúmeras formas de se ter contato com a leitura e a escrita, saber ler e escrever não é mais suficiente, visto que é necessário saber fazer uso da leitura e da escrita. Assim, percebeu-se que, com o passar dos anos, surgiram múltiplas possibilidades de utilizar a cultura oral e escrita. Consoante Soares (2014),

letramento é uma condição de quem, além de saber ler e escrever, cultiva e utiliza-se de práticas sociais que usam a escrita. Nesse sentido, Carvalho (2008 *apud* ROJO, 2009) afirma que letrar é aproximar o aprendiz com os diversos meios sociais da leitura e escrita.

Desse modo, além de alfabetizar, a escola precisa preparar os indivíduos para utilizar os saberes nas mais diversas práticas. Por isso, os dois fenômenos – alfabetização e letramento – são importantes e devem ocorrer de maneira simultânea. Entende-se que é preciso saber fazer uso da leitura e da escrita nas atividades em que se envolve o uso da língua. Quando se apropria do sistema de escrita, o sujeito envolve diferentes aspectos e capacidades, por exemplo: saber compreender e diferenciar a escrita alfabética das outras formas gráficas, tais como os desenhos, as imagens e os símbolos.

Outrossim, os conceitos de alfabetização e letramento não são sinônimos, pois apresentam aspectos específicos. O letramento, para Soares (2014), possui a dimensão individual que diz respeito às condições de cada pessoa de ler e escrever; a dimensão social em que o conceito é visto como fenômeno cultural, o qual utiliza um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita. Este se faz presente nas mais variadas situações do contexto social – nas ruas, em casa, na escola, no comércio, nos meios de transporte etc – e torna-se necessário para possibilitar uma ação mais autônoma diante da compreensão das informações.

Esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que é minimamente resolvido o problema do analfabetismo e que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas, intensas e variadas práticas de leitura e de escrita, fazendo emergirem novas necessidades, além de novas alternativas de lazer. Aflorando o novo fenômeno, foi preciso dar um nome a ele: quando uma nova palavra surge na língua, é que um novo fenômeno surgiu e teve de ser nomeado. Por isso, e para nomear esse novo fenômeno, surgiu a palavra letramento. (SOARES, 2001, p. 46).

Percebe-se, então, que o conceito de alfabetização já não é suficiente, pois a decodificação e codificação das letras e palavras não consegue dar conta das novas modalidades da escrita. Por isso, o letramento surge como uma nova forma de conceituar a demanda social das práticas de leitura e escrita. Ademais, a escola tem papel significativo na aquisição da língua oral e escrita, pois é por meio dessas aprendizagens que o estudante pode ter acesso às informações, serem críticos e defenderem seus pontos de vista.

Vale ressaltar que a alfabetização e o letramento não são processos sequenciais, ou seja, um não é condição para o outro. Entretanto, o grande desafio é conciliá-los, sendo necessário apropriar-se do sistema alfabético e ter condições de utilizá-lo em suas práticas sociais. Pode-se, ainda, dizer que uma pessoa é alfabetizada e não letrada, assim como pode ser letrada e não alfabetizada.

Segundo Brian Street (1993 *apud* ROJO, 2009), o letramento pode ser dividido em dois aspectos. Em primeiro, o enfoque autônomo, que é considerado independente do contexto social, uma variável autônoma. Já em segundo, o enfoque ideológico diz respeito às práticas de letramento ligadas às estruturas culturais com uma variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita. Para o autor, os letramentos múltiplos devem ser levados em consideração em trabalhos na escola.

Roxane Rojo (2009) define esses letramentos como as mais diversas formas de utilização da leitura e da escrita. Uns dos aspectos a ser levados em consideração pela escola é a vivência dos alunos e de que maneira o que é ensinado faz sentido a eles. Além disso, deve-se preocupar também com o letramento como prática social, visto que este se faz presente na sociedade globalizada, a qual possui múltiplas linguagens que integram os textos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, os alunos devem saber utilizar os conhecimentos de leitura e escrita nas práticas sociais, pois se espera que eles tenham capacidade de resolver problemas cotidianos, estejam preparados para participar e interagir no mundo letrado. Assim, a escola deve ser o principal agente de letramento e o professor precisa proporcionar o contato com diferentes tipos de textos, por meio de práticas de leitura e escrita. Além disso, os alunos precisam de oportunidades para usar os conhecimentos adquiridos em suas atividades, ou seja, ampliar a sua competência discursiva.

4 UM BREVE HISTÓRICO DE MONTENEGRO

A cidade de Montenegro, no Rio Grande do Sul, foi fundada por Tristão Fagundes e povos açorianos que se estabeleceram à margem direita do Rio Caí, a 50 km da foz. Muitas famílias migraram para a região em busca de tranquilidade e trabalho. Junto ao cais, algumas casas marcaram o início da atual cidade, que pertencia ao município de Triunfo. A fim de atender às necessidades religiosas dos católicos, foi construída uma capela de madeira na parte mais elevada da povoação. Em 1871, a capela foi demolida e construíram outra de alvenaria, com duas torres, localizada no centro da cidade. O povo costumava, aos domingos, realizar grandes festas com bandas de música na praça em frente à Igreja, cuja imagem consta na Figura 1. O primeiro padre a atendê-la foi o jesuíta Miguel Kellner. Muitos anos depois, essa igreja foi demolida para dar espaço à atual Matriz, inaugurada em 12 de dezembro de 1965 (KAUTZMANN, 1986).

Figura 1 – Igreja Matriz São João Batista



Fonte: Histórias do Vale do Caí em 1920 (KLEIN, 2019).

O Porto de Laranjeiras, denominação dada ao povoado, crescia e, em 1867, foi assinada a Lei nº 630, pelo Presidente da Província do Rio Grande do Sul, elevando à categoria de Freguesia, com a denominação de São João do Montenegro. A almejada emancipação só se tornou realidade em 5 de maio de 1873, por Lei nº 2026,

quando Montenegro desmembrou-se de Triunfo, sendo elevado à categoria de Vila e sede de Comarca. Na Figura 2, reproduz-se imagem do referido porto (KAUTZMANN, 1986).



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1905 (KLEIN, 2019).

Em 1873, foi instalada a primeira indústria de Montenegro, o Curtume Montenegro, que produzia solas, couro de porco e cromo. No mesmo ano, foi inaugurado o primeiro estabelecimento comercial da cidade, o qual vendia tecidos, artigos de armarinho, perfumarias, miudezas, secos e molhados. Já em 1881, surgiu a Sociedade de Conto Germânica, que mais tarde se transformou no Clube Riograndense (ainda em funcionamento), cuja imagem consta na Figura 3. Nesse mesmo ano, os imigrantes alemães fundaram o Colégio Evangélico Alemão, atualmente, Colégio Sinodal Progresso (KAUTZMANN, 1986).

Figura 3 – Clube Riograndense



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1874 (KLEIN, 2019).

No ano de 1890, fundou-se a primeira indústria de móveis chamada Casa Wolf. Dois anos depois, Gustavo Jahn inaugurou uma cervejaria na rua Buarque de Macedo, como se observa na Figura 4.

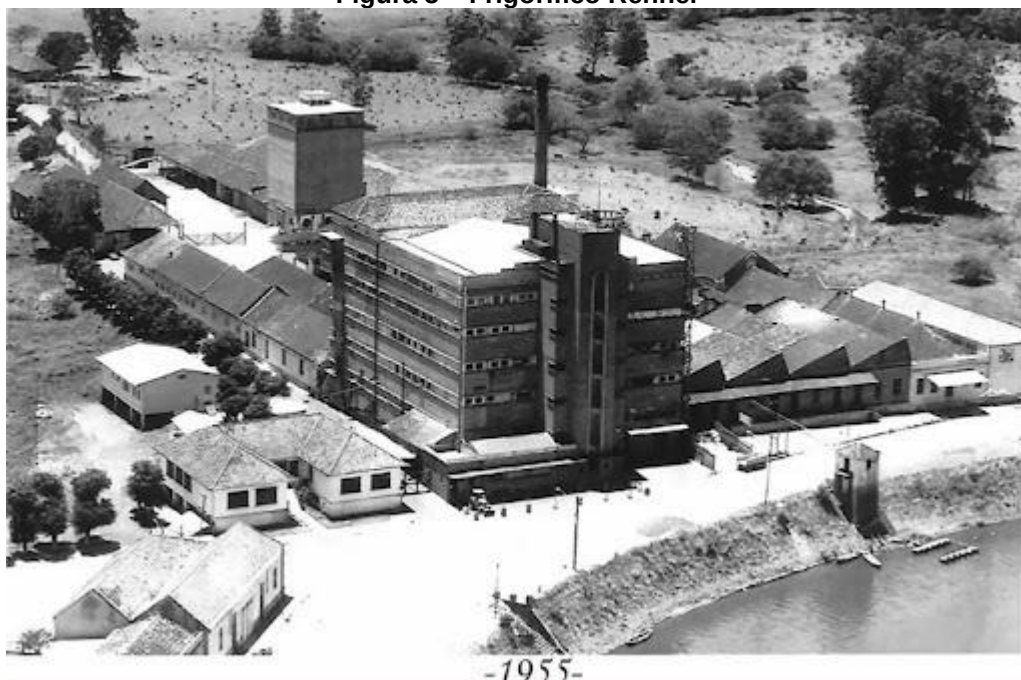
Figura 4 – Cervejaria



Fonte: Histórias do Vale do Caí, XIX (KLEIN, 2019).

Em 1894, foi fundado o Frigorífico Renner, o qual dedicava-se à industrialização e comercialização de carnes bovinas e suínas, como se observa na Figura 5. No ano seguinte, foi aberta a primeira farmácia, chamada Providência, também na rua Buarque de Macedo. Além disso, no mesmo período, a indústria e comércio Hädrich iniciou suas atividades, produzindo trilhadeiras, engenho de cana, debulhadores de milho e diversas máquinas de ferro e bronze.

Figura 5 – Frigorífico Renner



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1955 (KLEIN, 2019).

Já no ano de 1898, foi publicado o primeiro jornal da cidade *O Montenegro*, fundado por Arthur Uchôa. Três anos depois, houve a fundação do jornal *O Progresso*, apresentado na Figura 6.

Figura 6 – Jornal O Progresso



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1961 (KLEIN, 2019).

Em 1904, foi inaugurado o Cais do Porto, sendo o segundo a ser construído no Rio Grande do Sul. Como naquela época a navegação era o principal meio de transporte, o município destacou-se como centro comercial de cargas e descargas de mercadorias, o que gerou o crescimento acelerado das proximidades do cais. No ano de 1906, fundou-se o Clube Grêmio Gaúcho, que continua em funcionamento. No ano seguinte, chegaram ao município o telégrafo e a primeira Agência de Correios. Em 1910, foi implantada a estrada de ferro, que facilitou o transporte de mercadorias e reduziu o movimento do transporte fluvial. Com a chegada dos trens e a construção da Estação Ferroviária, o lugar se transformou no mais movimentado da cidade. Essa Estação se tornou uma das mais importantes do estado, pois tinha oficinas de reparos, sistema de controle telegráfico e restaurante.

No ano de 1911, o primeiro cinema da cidade foi fundado, denominado de Cine Tanópolis, que continua em funcionamento. Em 1919, a cidade recebeu iluminação elétrica. Três anos depois, foi fundada a Associação Comercial de Montenegro. No ano seguinte, houve avanços em relação ao transporte, quando chegou o primeiro automóvel em Montenegro, além do primeiro posto de gasolina e oficina.

Em 1937, foram realizadas melhorias em relação à energia elétrica, quando foi instalada a Usina Elétrica Maurício Cardoso, que abastecia a cidade de Montenegro e São Sebastião do Caí. Atualmente, o prédio é utilizado como sede da Câmara

Municipal de Vereadores, que fica na beira do rio Caí. Por fim, em 1946, as primeiras indústrias de tanino foram instaladas no município, como a Tanino Mimosa e a Tanac, que deram início à era da acácia-negra. Já na Figura 7, apresenta-se foto da inauguração do Parque Centenário.

Figura 7 – Inauguração do Parque Centenário em 1973



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1973 (KLEIN, 2019).

No ano de 1993, um evento em nível nacional aconteceu no Parque Centenário de Montenegro ao receber o grupo Trapalhões para uma apresentação, imagem reproduzida na Figura 8.

Figura 8 – Apresentação dos Trapalhões no Parque Centenário em 1993



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1993 (KLEIN, 2019).

4.1 DADOS GERAIS

O município de Montenegro possui uma população estimada em 59.415 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), situa-se no Vale do Rio Caí, sendo o mais antigo da região e, recentemente, foi inserido na Região Metropolitana de Porto Alegre. A formação étnica do município é constituída por descendentes de alemães, portugueses, italianos e franceses. As religiões presentes são Católica, Evangélica Luterana, Batista, Adventista, Quadrangular, Universal, Espírita e Umbanda. Na Figura 9, observa-se a localização da cidade no estado do Rio Grande do Sul.

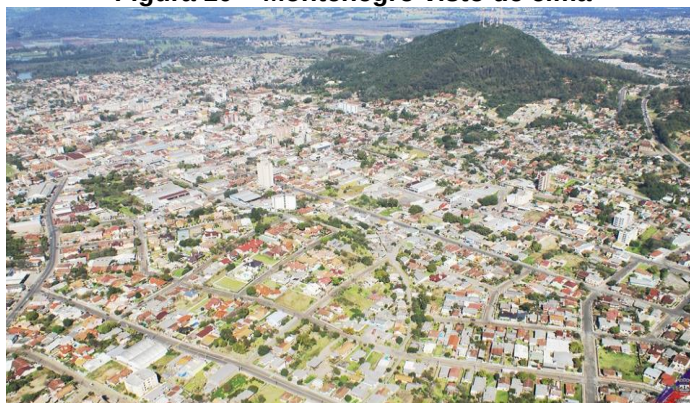
Figura 9 – Montenegro localizado no mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: Wikipédia, 2011.

Na Figura 10, tem-se uma imagem mais atual da cidade de Montenegro vista de cima.

Figura 10 – Montenegro visto de cima



Fonte: Jornal Fato Novo, 2020.

Os hábitos e tradições mais festejadas pelos munícipes são as apresentações dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) com suas danças e músicas típicas, além do Kerb, que é uma festividade alemã celebrada durante o ano, bem como as festas juninas, que possuem como padroeiro São João.

A culinária se destaca pelos costumes trazidos pelos imigrantes, sendo esta bem variada. Por exemplo, além do feijão, arroz e da carne sob forma de guisado, assado de bife, o churrasco e o chimarrão são a base da alimentação. Pães, embutidos, geleias ou schimier, queijos, bolos, cucas, doces diversos e a "kas schimier" compõem normalmente as refeições das famílias, bem como a Spritzbier, uma cerveja de fabricação caseira. São usados tradicionalmente batatas (cozidas, fritas ou purê), massas, aipim, vegetais crus e cozidos.

O município também tem a designação de "Montenegro Cidade das Artes", instituído através de lei municipal, em 2003, na qual foi proposta a escolha de um "título" que pudesse caracterizar a cidade e auxiliar na sua divulgação. O nome escolhido tem relação com o município e seus cidadãos, sendo reconhecido em nível municipal, regional, estadual e nacional, por meio das manifestações artísticas e culturais. Como se observa na Figura 11, o município possui Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS e Fundação Municipal de Artes de Montenegro – FUNDARTE, que desenvolvem trabalho de Pedagogia da Arte, ambos reconhecidos e qualificados.

Figura 11 – UERGS e FUNDARTE



Fonte: Rio Grande do Sul (2021).

A Fundação Municipal de Artes de Montenegro – Fundarte foi criada em 7 de julho de 1973 como Conservatório de Música e oferece cursos de Dança, Música, Teatro e Artes Visuais, abrangendo crianças a partir de dois anos de idade até a formação superior. A Fundarte também promove projetos na área da inclusão sociocultural, mantendo convênios e parcerias com instituições e iniciativa privada. Por seu trabalho na área, recebeu premiações nacionais, como o Prêmio Itaú-Unicef, em 1996, e a chancela da Unesco, em 2005, com o Projeto Dançar, além de dois prêmios nacionais Arte na Escola Cidadã, concedidos pelo Instituto Arte na Escola/Fundação Iochpe/SP. Paralelamente às atividades de ensino, desenvolve uma intensa programação cultural que visa estreitar relações com a comunidade. Em 1996, em parceria com o Sesi do Rio Grande do Sul, criou a Orquestra Sesi/Fundarte. Em acordo com a proposta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, que se propõe a contribuir com o desenvolvimento local e regional do estado, formando profissionais na área de Artes que atuarão tanto como artistas, quanto como professores.

4.2 A FORMAÇÃO POPULACIONAL DA REGIÃO

4.2.1 Os Ibiraiaras

O município localiza-se em uma região que os indígenas costumavam chamar de *ibiaçá*, que significa “travessia do caminho do rio”. O local ocupava desde a ilha de Santa Catarina até a margem do Rio Jacuí, no qual estava a região de Ibiá. Em 1635, aproximadamente, os Ibiraiaras viviam na região, falavam diversas línguas e possuíam costumes distintos da tribo dos Tupis. Além disso, eram chamados de *bilreiros*, pois usavam nos lábios botoques semelhantes a bilros, também utilizavam grandes tacapes (KAUTZMANN, 1986).

4.2.2 As Bandeiras e a Colônia de Sacramento

Por volta de 1636, chegaram à região os bandeirantes paulistas, que destruíram em grande parte as aldeias das tribos, o que obrigou os padres jesuítas a fugirem para o Uruguai. Em 1680, foi fundada a Colônia de Sacramento, no Uruguai, à margem esquerda do rio. O local atraiu os tropeiros e suas famílias pela riqueza e fartura das

terras, onde criaram as invernadas, que se transformavam em estâncias (KAUTZMANN, 1986).

4.2.3 Os Açorianos

Os açorianos apresentavam disciplina e dedicação ao trabalho, por meio de atividades como agricultura, pecuária, navegação e pesca, o que iniciou uma nova fase do desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Também dominavam a carpintaria, a luminária e a ferraria, além da alfaiataria e o tear. O couro era muito utilizado na confecção de cobertores, camas, parte interna das casas, cadeiras, botas e roupas de trabalho (KAUTZMANN, 1986).

Nas décadas de 1730 a 1740, à margem direita do rio Caí, os portugueses Antônio de Souza Fernando, Bartolomeu Gonçalves de Magalhães e Antônio José Machado de Araújo e suas famílias foram os primeiros a se instalarem no município de Montenegro. A primeira casa construída foi por volta de 1785, onde hoje está localizada a Escola Delfina Dias Ferraz e pertencia a Estevão José de Simas e, mais tarde, habitada por Tristão José Fagundes (KAUTZMANN, 1986).

4.2.4 A Revolução Farroupilha

Em 1835, durante a Revolução Farroupilha – a mais longa guerra civil do Brasil, que durou 3.466 dias – o território de Montenegro se tornou passagem obrigatória das tropas, causando grandes prejuízos às estâncias, que eram saqueadas e perdiam gado, cavalos e mantimentos (KAUTZMANN, 1986).

4.2.5 Alemães, italianos e franceses

Em 1824, chegou o primeiro grupo de imigrantes alemães, um total de 126 pessoas. Logo em seguida, chegaram mais 157 famílias, com 909 pessoas. Por volta de 1857, em uma segunda etapa da imigração, vieram para a região imigrantes alemães e italianos em quantidade considerável e destacaram-se pela economia agrícola e suinocultura. Já os franceses vieram em menor número e desenvolveram principalmente o artesanato (KAUTZMANN, 1986).

4.3 A EDUCAÇÃO MONTENEGRINA AO LONGO DOS ANOS

Havia, no município, cinco aulas para o sexo masculino e uma para o feminino. Ao mesmo tempo em que cresciam as indústrias e o comércio, eram criadas escolas de alfabetização e cultura do povo. Em 1881, imigrantes alemães fundaram o Colégio Evangélico Alemão, nacionalizado, em 1939, com o nome de Escola Evangélica Progresso. Em 1902, foi instalado na Vila o Colégio Distrital. Esta aula possuía, além do Primeiro Curso Primário, uma Complementar que não só formava professores, como preparava para o Vestibular. Além disso, teve destaque o Colégio São José, particular, fundado em 1906 pelas Irmãs de São José, francesas, e ainda continua funcionando. Iniciou como Curso Primário, mas, desde 1941, manteve um Curso Complementar para formação de Alunas-Mestras e, ainda, um Curso Ginásial desde 1945 (KAUTZMANN, 1986). Na foto da Figura 12, observa-se registro da época.

Figura 12 – Colégio São José recebendo a visita do Bispo



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1953 (KLEIN, 2019).

O colégio e escola Normal Jacob Renner, fundado em 1952, teve como característica a gratuidade do ensino, inclusive do Internato. Abrangia Escola

Primária, Ginásio, Científico, Clássico, Normal, Línguas e Escola Técnica Industrial. Encerrou as atividades em 1974. O Ginásio Municipal São João Batista, fundado em 1946 e dirigido pelos Irmãos Maristas, oferecia cursos: Primário, Ginásial e Escola Técnica de Comércio (KAUTZMANN, 1986). Na Figura 13, apresenta-se a edificação da instituição.

Figura 13 – Escola para os filhos dos funcionários da Tanac



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1954 (KLEIN, 2019).

O Ginásio Municipal São João Batista, apresentado na Figura 14, fundado em 1946 e dirigido pelos Irmãos Maristas, oferecia cursos: Primário, Ginásial e Escola Técnica de Comércio.

Figura 14 – Escola São João Batista



Fonte: Histórias do Vale do Caí, 1946 (KLEIN, 2019).

Nessa época, a vida social e artística era intensa e aprimorada. Com isso, sociedades foram criadas para o lazer dos montenegrinos. A Biblioteca Pública, fundada em 25 de novembro de 1949, tem destacada atuação na comunidade, com obras acessíveis a todas as idades e a todos os níveis intelectuais.

Outrossim, obteve-se acesso ao Histórico das Escolas do 1º Distrito de Montenegro até 1983, organizado por Maria Eunice Müller Kautzmann (1986) com o apoio da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura). Destaca-se, então, o total de localidades (41) e o total de escolas (50). No interior: 31 localidades e 33 escolas. Na cidade: 10 localidades no centro e 17 escolas. A seguir, apresentar-se-á uma listagem dos nomes das escolas, a localidade, período, número de alunos e a quantidade de livros na biblioteca escolar.

1. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Dona Clara Camarão, em Alfama (1959-1983): 29 alunos e 153 livros.
2. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Catarina Meurer de Oliveira, em Bom Jardim do Caí (1910-1983): 22 alunos e 114 livros.
3. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Estância Mascarenhas, em Calafate (1962-1983): 28 alunos e 191 livros.
4. Escola Estadual de 1º Grau Prof. Estêvão Inácio, em Campo do Meio (1940-1983): 27 alunos e 408 livros.
5. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Balduino Nicolau Steffen, em Costa da Serra (1962-1983): 20 alunos e 120 livros.
6. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Pedro João Müller, em Costa da Serra (1925-1983): 48 alunos e não apresentou o número de livros.
7. Escola Estadual Dr. Guilherme Moojen, em Passo da Cria (1905-1982): 103 alunos e 661 livros.
8. Escola Estadual Carlos Frederico Schubert, em Faxinal (1911-1983): não indicou o número de alunos, mas somente 15 livros.
9. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Bello Faustino dos Santos, em Fortaleza (1960-1983): 51 alunos e 116 livros.
10. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Bárbara Heleodora, em Lajeadozinho (1941-1983): 15 alunos e 106 livros.

11. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Euclides da Cunha, em Linha Catarina (1876-1983): 14 alunos e 124 livros.
12. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Profª Vitorina Fabre, em Passo da Amora (1920-1983): 33 alunos e 816 livros.
13. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Luiz Rodrigues Machado Júnior, em Passo da Pimenta I (1962-1983): 14 alunos e 101 livros.
14. Escola Municipal São Caetano, em Passo da Pimenta II (1952-1962): 09 alunos e 51 livros.
15. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Henrique Pedro Zimmermann, em Passo da Serra (1969-1983): 34 alunos e 251 livros.
16. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Afonsina Garcia Machado, em Passo do Gil (1960-1983): 31 alunos e 176 livros.
17. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Anita Machado Rosa, em Pesqueiro (1947-1983): 17 alunos e 30 livros.
18. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Amândio Fidêncio Lampert, em Pinheiros (1962-1983): 8 alunos e 295 livros.
19. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Carlos Hoerlle, em Porto dos Pereiras (1970-1983): 13 alunos e 293 livros.
20. Escola Estadual Profª Maria Josepha Alves de Oliveira, em Porto Pereira (1900-1983): 24 alunos e 69 livros.
21. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Porto Inácio, em Porto Ely (1910-1983): 19 alunos e não há biblioteca escolar.
22. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Felisberto Porfírio de Souza, em Porto Garibaldi (1962-1983): 29 alunos e 249 livros.
23. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto José Garibaldi, em Porto Garibaldi (1944-1983): 58 alunos e 110 livros.
24. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Porto das Laranjeiras, em Potreiro Grande (1932-1983): 26 alunos e 189 livros.
25. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Estância Montenegro, em Rua Nova (1962-1983): 22 alunos e 184 livros.
26. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Otávio Dias Ferraz, em Sanga Funda (1960-1983): 10 alunos e 107 livros.

27. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Osvaldo Brochier, em Santos Reis (1954-1983): 79 alunos e 1300 livros.
28. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto de São José do Maratá, em São José do Maratá (1959-1983): 69 alunos e 191 livros.
29. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Fernandes Vieira, em Uricana (1944-1983): 20 alunos e 73 livros.
30. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Reinoldo Albertin, em Vapor Velho (1934-1983): 20 alunos e 37 livros.
31. Escola Estadual de 1º Grau Incompleto de Vendinha, em Vendinha (1920-1983): 79 alunos e 406 livros.
32. Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Papa João XXIII, em Vila João XXIII (1961-1983): 09 alunos e 112 livros.
33. Escola Estadual Aurélio Porto, em Montenegro Centro (1957-1976): 260 alunos e 1274 livros.
34. Escola Estadual Cel. Álvaro de Moraes, em Montenegro Centro (1921-1982): 315 alunos e 1937 livros.
35. Escola Municipal Cinco de Maio, em Vila Cinco de Maio (1945-1983): 395 alunos e 876 livros.
36. Escola Municipal Adolpho Schüller, em Vila Panorama (1970-1983): 149 alunos e 506 livros.
37. Escola Estadual Manoel de Souza Moraes, em Vila Progresso (1965-1983): 197 alunos e 1343 livros.
38. Escola Municipal Dr. Walter Belian, em Vila Rui Barbosa (1981-1983): 409 alunos e 57 livros.
39. Escola Estadual Adelaide de Sá Brito, em Vila Santo Antônio (1942-1983): 342 alunos e 1500 livros.
40. Escola Estadual Coronel Januário Corrêa, em Vila São João (1962-1983): 230 alunos e 1245 livros.
41. Escola Municipal José Pedro Steigleder, em Vila São Paulo (1962-1983): 241 alunos e 90 livros.
42. Escola Estadual Yara Ferraz Gaia, em Vila São Pedro (1917-1983): 186 alunos e 982 livros.
43. Escola Estadual Tanac, em Vila Tanac (1951-1983): 1652 livros.

A partir dessa listagem de escolas do Distrito de Montenegro até 1983, foi possível perceber que, mesmo a maioria tendo um número baixo de alunos, a quantidade de livros disponíveis em suas bibliotecas era relativamente alta se comparada ao total de estudantes. Atualmente, não foi possível encontrar nenhum material semelhante e atualizado, ficando restrito somente ao nome das escolas e suas localizações. A seguir, apresenta-se listagem de instituições de ensino mais atualizada, encontrada no site da prefeitura de Montenegro (2022).

a) Rede de Escolas Municipais: Ensino Fundamental

EMEF Adolfo Schüller- Educação Infantil: Maternal e Jardim, 1º ao 5º ano

EMEF Ana Beatriz Lemos - Pré, 1º ao 5º ano

EMEF Bairro São Paulo - Pré, 1º ao 5º ano

EMEF Bárbara Heleodora - 1º ao 5º ano – Turno: Manhã

EMEF Bello Faustino dos Santos - 1º ao 5º ano – Turno: Tarde

EMEF Bernardino Luís de Souza - Pré, 1º ao 5º ano – Turno: Manhã

EMEF Carlos Frederico Schubert - Pré, 1º ao 5º ano

EMEF Carolina Augusta Brochier Kochenborger- 1º ao 5º Ano – Manhã

EMEF Cinco de Maio- Pré, 1º ao 9º ano

EMEF Dona Clara Camarão - 1º ao 5º Ano - Tarde

EMEF Dr. Walter Belian- Pré, 1º ao 9º Ano - Manhã e Tarde

EMEF Etelvino de Araújo Cruz- Pré, 1º ao 9º Ano – Manhã e Tarde

EMEF Henrique Pedro Zimmermann- Pré, 1º ao 5º ano

EMEF Jacob Haubert- 1º ao 5º Ano - Tarde

EMEF José Pedro Steigleder- Pré, 1º ao 9º ano

EMEF Lena Rozi da Rocha Pithan - 1º ao 9º ano – Manhã e Tarde

EMEF Manoel José da Motta - Pré, 1º ao 5º Ano

EMEF Militão José de Azeredo - 1º ao 5º Ano

EMEF Pedro João Müller - Pré, 1º ao 9º ano

EMEF Professora Mafalda Padilha - Pré, 1º ao 5º ano - Manhã

EMEF Professora Maria Josepha Alves de Oliveira - Pré, 1º ao 8º Ano – Manhã

b) Rede de Escolas Municipais: Educação Infantil

EMEI Adenillo Edgar Rübenich - Tio Riba- Educação Infantil: Berçário ao Jardim

EMEI Dr. José Flores Cruz- Educação Infantil: Berçário ao Jardim

EMEI Emma Ramos de Moraes- Educação Infantil: Berçário ao Jardim

EMEI Esperança- Educação Infantil: Maternal e Jardim

EMEI Gente Miúda- Educação Infantil: Berçário ao Jardim

EMEI Profª Maria Laurinda Leindecker- Educação Infantil: Maternal e Jardim

EMEI Santo Antônio- Educação Infantil: Berçário ao Jardim

c) Rede de Escolas Estaduais

EEEF Adelaide Sá Brito - Ensino Fundamental

EEEF Aurélio Porto - Ensino Fundamental

EEEF Cel. Álvaro de Moraes - Ensino Fundamental

EEEF Cel. Januário Correa - Ensino Fundamental

EEEF Delfina Dias Ferraz - Ensino Fundamental

EEEF Dr. Jorge Guilherme Moojen - Ensino Fundamental;

EEEF José Garibaldi - Ensino Fundamental;

EEEF Manoel de Souza Moraes - Ensino Fundamental;

EEEF Osvaldo Brochier - Ensino Fundamental;

EEEF Tanac - Ensino Fundamental;

EEEF Yara Ferraz Gaia - Ensino Fundamental;

Colégio Estadual A.J. Renner - Ensino Fundamental e Médio;

Colégio Estadual Dr. Paulo Ribeiro Campos - Ensino Fundamental, Médio e Técnico;

Colégio Estadual Ivo Bühler – CIEP - Ensino Fundamental e Médio.

Escola Estadual Técnica São João Batista- Ensino Médio, Técnico e Integrado (Médio e Técnico);

Colégio Estadual Ivo Bühler – CIEP - Ensino Fundamental e Médio.

UERGS - Faculdade de Licenciatura em Artes (Visuais, dança, música e teatro).

d) Escolas privadas e Filantrópicas:

Sociedade Beneficente Espiritualista - Educação Infantil;

Unidade de Educação Infantil Cinco de Maio;

Unidade de Educação Infantil Lar do Menor;

Unidade de Educação Infantil Panorama;

Unidade de Educação Infantil Promorar;

Unidade de Educação Infantil Trilhos.

Instituto de Educação São José - Educação Infantil, o Ensino Fundamental, Médio e Técnico;

Colégio Sinodal Progresso - Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Técnico.

e) Escolas Privadas de Educação Infantil

EEI Fazendo Arte;

EEI Jardim das Sementinhas;

EEI Pingo de Gente;

EEI SESI.

Com as informações referentes às escolas, é possível obter um conhecimento prévio a respeito de quantas instituições participarão da pesquisa de campo com alunos do Ensino Fundamental II e Médio. Dessa forma, pretende-se conhecer a realidade local de ensino para que os resultados sejam os mais próximos do esperado, fazendo com que o trabalho teórico se confirme com a prática.

4.4 A HISTÓRIA DA CULTURA LITERÁRIA EM MONTENEGRO

Em busca de uma retrospectiva dos primórdios no campo da cultura e Literatura da cidade de Montenegro, o livro *Montenegro de ontem e de hoje*, coordenado por Maria Eunice Müller Kautzmann (1986), buscou dar luz aos escritores montenegrinos do passado pelo enriquecimento das letras, por deixarem sua marca, inteligência e vasta cultura. Os pioneiros transmitiram para a posteridade uma herança cultural de incontestável valor, perpetuando acontecimentos, ideias e pensamentos por meio do encantamento da poesia e da prosa.

Após três anos de pesquisa, Gelson Weschenfelder publicou uma lista com os nomes dos escritores de Montenegro. Foram cadastrados nomes de escritores que nasceram, residem ou residiram ou exercem ou exerceram alguma atividade profissional na cidade. Muitas dificuldades foram encontradas, como datas de nascimento e cidade onde nasceram os escritores, ano das publicações, datas de falecimento etc. Em alguns casos, alguns dados não foram encontrados. A seguir, a lista dos nomes e obras dos escritores de Montenegro levantados:

- a) Adriana Bandeira (Montenegro, 1966): *Chá das Cinco* (2006);
- b) Aerte Lima da Silva (Cacequi, 1950-?): *Pedaços de vida* (2003)
- c) A. G. Olyver (Porto Alegre, 1984): *Lady Lake* (2013)
- d) André Vargas da Silva (Rincão dos Pinheiros – Triunfo, 1938): *Materialidade e religiosidade: os dois eixos da personalidade humana* (2013)
- e) Augusto Aurélio Porto (Cachoeira do Sul, 1879-1945): *O último farrapo* (1923); *O Trabalho alemão no Rio Grande do Sul* (1934); *Farropiada* (1938); *Jacinto Guedes da Luz* (1937);
- f) Andréia Cecy Sá Brito (Montenegro, 1885- 1955): *O que pensa uma professora – Soc.Riog. De Educação* (1925); *A civilidade – Temas educacionais/Revista do Ensino* (1952); *Consultório do professor- Diário de Notícias/Educação e ensino* (1954); *Civilidade e Sensibilidade – revista do Ensino/Temas Educacionais* (1954). *Antologia: Poesia Mulher* (1983).
- g) Pe. Albino Junges (Bom Princípio, + 1956): *Terra Agreste, poesias* (1930)
- h) Alcides Feijó das Chagas Carvalho (Porto Alegre, 1823-1958): *Pela liberdade profissional* (1931); *Frutos de ouro. In Álbum de Montenegro* (1933);
- i) Pe. Antônio (Henrique Schneider) Steffen (São Benedito-Harmonia, 1906-?): *Lógica Formalis* (1946); *Introdução à Filosofia*, de Hans Pfeil (1967); *O antiintellectualismo de Bergson* (1941); *Inteligência e Vontade – Revista Estudos* (1943); *El problema de La certeza de conocimiento en Nicolás Hartmann – Revista Ciencia y Fe* (Buenos Aires) (1945); *O princípio da causalidade é analítico ou não? – Revista O Seminário* (1945); *No liminar da Crítica* (1946); *Demonstração e caráter lógico dos princípios da*

causalidade - Revista Organon (1956); Kierkegaard e a religião- revista Estudos (1958).

- j) Antônio Moojen (Vacaria, 1883-1969);
- k) Pe. Balduino Rambo (Tupandi, 1905-1961): *Clima, fauna e flora de Porto Alegre – Revista estudos (1938); A fisionomia do Rio Grande do Sul (1942); Florae Rio-grandenses cives novae vel minus cognitae in Herbario Anchietae asservatae – Revista Lilloa (Argentina) (1946); Anais do Herbário Barbosa Rodrigues (1948); Die Auslese im Naturversuch (1957); Asclepiadaceae Rio-Grandense (1958); An historical approach to plant evolution (1958); Towards the concept of the species in plant evolution (1959); Die suedgrenze des brasilianischen regenwaldes (1960); Migration routes of the south brazilian rain Forest (1961); Ensaio de Monografia Natural.*
- l) Bernard Masson: *Vida Natural: Própolis (1983);*
- m) Breno José dos Santos (Viamão, 1912-?): *Ressonâncias (1989);*
- n) Carlos Waldemar Gottselig (Montenegro, 1888-1955): *Exaltação à Montenegro. In Álbum de Montenegro(org.) (1933); Club Riograndense - dados Históricos (1931);*
- o) Carlos Fernando Leser (Montenegro, 1966).

Importante frisar que esta lista não inclui todos os autores montenegrinos. Todavia, trata-se de uma listagem significativa e reveladora, como forma de homenagear e valorizar o trabalho realizado pelos escritores locais. Além dos citados, encontram-se informações a respeito de outros autores. A primeira, Elisa Moojen Arpini, foi professora, pesquisadora e historiadora. Auxiliou na reconstrução de fatos históricos importantes do município, no aprimoramento do Museu Histórico Municipal, desenvolveu trabalhos como “Árvore Genealógica das Famílias Moojen, Azevedo e Arpini”, “Pesquisas sobre a Imprensa no Rio Grande do Sul” e “Retrospectiva Histórica de Montenegro”.

Em seguida, há Olmiro (Palmeiro) de Azevedo, que foi bacharel em Direito e atuou em diversas instâncias da área. Utilizava o pseudônimo de Márcio Corte Real e foi membro da Academia de Letras do RS. Publicou as seguintes obras: *Veio d'Água*, versos, Porto Alegre, Globo, 1925, *Vinho Novo*, 1936. Colaborou em prosa e verso no *Correio do Povo* e em vários jornais do Estado.

Ademais, apresenta-se Lauro Blauth, que escreveu peças de muita imaginação e fantasia, inspiradas em costumes, tradições e acontecimentos ligados ao folclore e à história rio-grandense. Escreveu sob os pseudônimos: Audifax, Augusto e Márcio. Seu trabalho também se insere no rol de teatrólogos gaúchos. O próximo é José de Sá Brito, que se destacou como romancista e teatrólogo. De sua bagagem literária, constam alguns dos seguintes títulos: “A Descrida, drama; Revelações, poema em prosa; File-o, comédia; À Dona Amália Figueiroa, poesia; A Grupiara, drama, entre outros.”

Por último, Carlos Waldemar Gottselig, que atuou como jornalista, utilizava o pseudônimo de Flúvio Restilo e contribuiu com diversos jornais. Ainda há muitos outros escritores de suma relevância para a história do município. Entretanto, além de ser tarefa impossível citá-los em sua integralidade, este não é o foco do presente trabalho. Dessa forma, ressalta-se que este espaço foi destinado à valorização de nomes e obras de conterrâneos montenegrinos, como forma de perpetuar sua significância para o fazer literário da cidade.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Metodologia, etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para se fazer uma pesquisa. É fundamental para desenvolver a ciência, uma vez que esta é feita por meio de estudo, organização e método. Além disso, os métodos científicos são as formas mais seguras inventadas pelo ser humano para compreender os fenômenos que o cercam. Por isso, ao transformar a natureza, o indivíduo já faz ligado à linguagem, que pode ser considerada o maior elo entre cultura e natureza.

Ademais, a pesquisa científica é um processo permanente e inacabado, que tem como objetivo resolver um problema utilizando procedimentos científicos. Sendo assim, o Método Indutivo, elaborado por Francis Bacon ([1561-1626], 1999), considera a frequência e a circunstância em que ocorre determinado fenômeno; os casos em que o fenômeno não se verifica e os casos em que o fenômeno apresenta intensidade diferente. É a partir da observação que se torna possível elaborar uma hipótese explicativa da causa do fenômeno. Portanto, é por meio da indução que se chega a conclusões apenas prováveis.

Quanto à abordagem, a pesquisa quantitativa se centra na objetividade, consoante Fonseca (2002, p. 20):

Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Além disso, para se desenvolver uma pesquisa, é necessário selecionar qual método será utilizado. Conforme Fonseca (2002), a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, é realizada coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa.

Desse modo, a coleta de dados visa à obtenção de um conjunto de informações, as quais serão confrontadas com o modelo de análise. Tendo como base os conceitos levantados por Fonseca (2002) já supracitados, a presente pesquisa será aplicada no cenário do âmbito educacional, na cidade de Montenegro, nas turmas de

6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Para a realização, será utilizado o método quantitativo, tanto no mapeamento das bibliotecas escolares quanto no formulário sobre leitura para os estudantes. Com isso, pretende-se quantificar as informações por meio de gráficos com os resultados, a fim de compará-los à pesquisa do Instituto Pró-Livro.

5.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA COLETA DE DADOS

Inicialmente, foi realizado um mapeamento das bibliotecas do município de Montenegro, a fim de conhecer a realidade destas e o seu uso perante os indivíduos da cidade. O levantamento contou com 14 perguntas feitas às escolas a respeito do uso de suas bibliotecas, a saber:

- a) Há biblioteca na sua escola?
- b) Os alunos podem frequentar quando querem (sem dia e hora marcada)?
- c) Há algum funcionário para atender na biblioteca?
- d) Esse funcionário tem capacitação para o cargo?
- e) Os alunos costumam frequentar a biblioteca para retirar livros?
- f) Os alunos encontram os livros que procuram?
- g) Qual é a média de acervos disponíveis na biblioteca?
- h) Qual é o tipo de acervo que a escola possui?
- i) Esse acervo é atualizado com frequência?
- j) Há livros disponíveis para todas as faixas etárias?
- k) Os professores da escola indicam livros para os alunos retirarem na biblioteca?
- l) Quais são os gêneros mais procurados pelos alunos?
- m) A biblioteca possui livros para alunos de inclusão?
- n) Há algum projeto de leitura que é desenvolvido na escola? Se sim, qual?

Com os resultados, apresentados na próxima seção, foi aplicada a segunda etapa da pesquisa. Assim, foram coletadas respostas dos alunos do Ensino Fundamental II da rede de ensino da cidade de Montenegro.

Em um primeiro momento, foi apresentada a proposta de pesquisa à Secretaria de Educação de Montenegro (SMEC), aguardando sua aprovação para a aplicação

do questionário nas escolas do município. Foram feitas perguntas aos alunos do Ensino Fundamental II, pois já possuem mais autonomia para responder aos questionamentos e uma relação mais estabelecida com a prática de leitura.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário *on-line*, realizado pelo Google Formulários, o qual foi disponibilizado aos participantes da pesquisa através de um *link* de acesso. Neste questionário, estão presentes as seguintes questões que podem ser relacionadas aos objetivos da pesquisa.

Todas as questões visam atingir o objetivo geral do estudo, ou seja, compreender o comportamento do leitor, o seu perfil, motivações e condições de leitura, buscando conhecer a realidade que permeia os estudantes da cidade de Montenegro. Mais especificamente, algumas se inter cruzam aos demais objetivos. As perguntas “*Você possui o hábito de ler (jornais, livros, publicações em redes sociais, sites de notícias...)?*”, “*Qual a frequência de leitura de livros de Literatura?*” e “*O que você mais lê?*” relacionam-se ao objetivo que busca identificar os hábitos dos estudantes em relação às práticas de leitura; as perguntas “*Qual sua principal motivação para ler?*”, “*O que influencia na escolha de um livro?*” e “*Houve alguma influência para gostar de ler?*” estão relacionadas ao objetivo de reconhecer as influências que instigaram o gosto pela leitura; as perguntas “*Em que lugares costuma ler?*”, “*Você prefere ler livros no formato digital ou impresso?*” e “*Qual é o modo de acesso aos livros mais utilizado por você?*” dizem respeito aos objetivos de apontar como se dão as condições e acessos aos livros e analisar o uso das bibliotecas públicas de Montenegro; e as perguntas “*Quais são os gêneros que costuma ler?*”, “*Se você não tem o hábito de ler, qual é o motivo?*” e “*Está lendo algum livro atualmente ou leu algum (partes) nos últimos três meses?*” buscam investigar as escolhas de livros e autores a partir do gosto individual dos alunos e orientações de professores.

Após a coleta dos dados, fez-se uma análise, primeiramente, do questionário, chegando a uma conclusão prévia a partir das respostas dadas pelos alunos. Em seguida, os resultados obtidos por meio da pesquisa foram comparados aos dados do Instituto Pró-Livro, da pesquisa Retratos de Leitura 5ª edição (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020), o qual foi norteador deste trabalho e serviu como parâmetro nacional. Sendo assim, esperou-se verificar o perfil do jovem leitor e as circunstâncias que auxiliam ou interferem no hábito de leitura. Portanto, a realização

desta pesquisa de campo buscou relacionar os conceitos teóricos estudados até então com a atual realidade, inter cruzando teoria e prática. Com isso, pretendeu-se verificar quais são as principais circunstâncias que envolvem o processo de leitura entre jovens estudantes e também a importância da escola nesse processo de formação do indivíduo enquanto leitor.

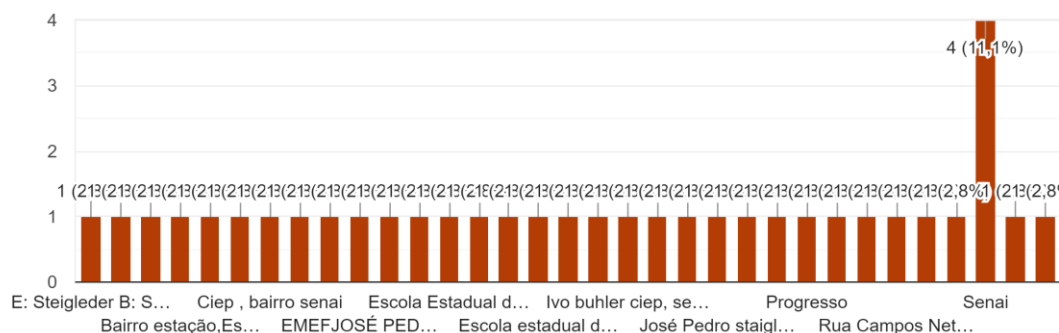
5.2 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

5.2.1 Mapeamento das bibliotecas escolares de Montenegro

A primeira etapa da pesquisa se refere ao mapeamento das bibliotecas escolares do município, a qual obteve 36 respostas. Vale salientar que o estudo ocorreu durante período pandêmico (2021), em que muitas instituições tiveram que permanecer fechadas e sem a possibilidade do uso das bibliotecas. Acredita-se que esse fator influenciou nas respostas obtidas e que, em outro cenário, os resultados seriam diversos dos aqui expostos. A seguir, serão apresentadas, por meio de gráficos, as informações recebidas. Além disso, algumas perguntas terão os dados da pesquisa do Instituto Pró-Livro como base de comparação (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). No Gráfico 1, evidencia-se a localização das escolas no município de Montenegro.

Gráfico 1 – Escolas

Qual é o nome e o bairro da escola?
36 respostas



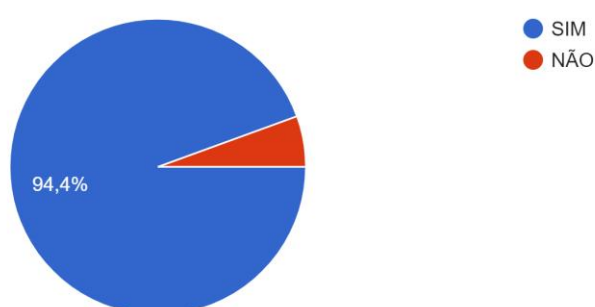
Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 1, foi possível perceber que as escolas pertencem a bairros diferentes da cidade e, por isso, a realidade das respostas será variada. A instituição que se localiza no bairro Senai respondeu quatro vezes, pois foram profissionais com capacitação e cargos diferentes, o que se torna interessante ao longo desta investigação, visto que são visões distintas sobre o mesmo assunto. As demais escolas que responderam só o fizeram uma vez, conforme o que havia sido solicitado. A seguir, no Gráfico 2, as respostas versam sobre a oferta de biblioteca no ambiente escolar.

Gráfico 2 – Presença de Biblioteca

1. Há biblioteca na sua escola?

36 respostas



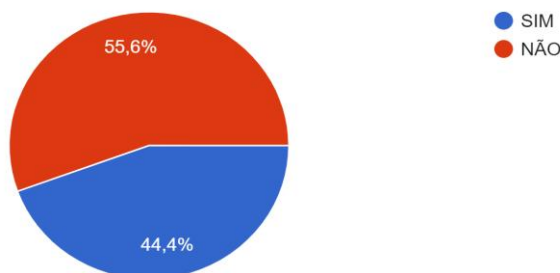
Fonte: elaborado pela autora.

A partir da questão cujas respostas constam no Gráfico 2, foi possível perceber a presença na maioria das instituições de ensino, exceto duas escolas que responderam “não”, o que se torna um fator positivo para a pesquisa. Porém, é preciso refletir sobre as condições e uso desse espaço. Além disso, também é necessário compreender por que duas instituições ainda não possuem uma biblioteca escolar. Em relação à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada no período de 2019 a 2020, em nível nacional, 84% das pessoas afirmaram ter biblioteca na sua escola ou faculdade (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). A seguir, o Gráfico 3 sintetiza as respostas sobre a possibilidade de acesso, pelos alunos, à biblioteca da escola.

Gráfico 3 – Uso da Biblioteca

2. Os alunos podem frequentar quando querem (sem dia e hora marcada)?

36 respostas



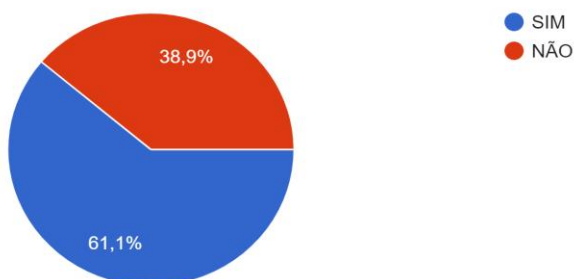
Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 3, o percentual das respostas é mais dividido ao se refletir sobre a possibilidade de frequentar o ambiente da biblioteca escolar sem a necessidade de marcar com antecedência. Nesse sentido, 20 escolas responderam que não é possível e 16 marcaram que sim, tem a possibilidade. Nota-se, também, a influência do período pandêmico que fez com que muitas bibliotecas fossem desativadas ao longo do ano letivo. Já na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), com base no ano de 2019, 90% dos entrevistados afirmaram poder frequentar quando quisessem, o que revela uma diferença entre a realidade de Montenegro e a de outros municípios participantes do estudo. No Gráfico 4, apresentado a seguir, os resultados versam sobre a disponibilidade de recursos humanos na biblioteca escolar.

Gráfico 4 – Funcionário

3. Há algum funcionário para atender na biblioteca?

36 respostas



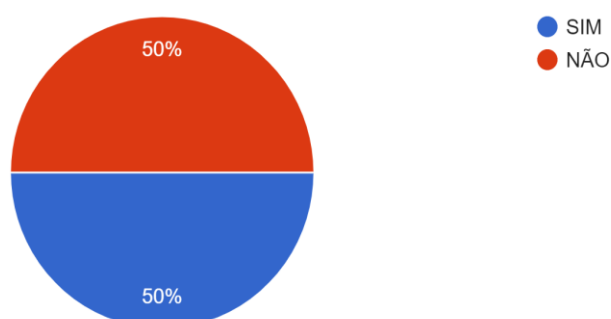
Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à presença de algum funcionário para atender na biblioteca, 22 respondentes das escolas afirmaram que contam com alguém para atender aos frequentadores e 14 escolas responderam que não. Vale lembrar que a questão do Gráfico 4 não distinguiu se o funcionário é capacitado ou não para a função. Desse modo, os dados obtidos referem-se à disponibilidade, ou não, de uma pessoa para registrar as retiradas e devoluções de livros. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, essa mesma pergunta recebeu 86% dos alunos confirmando a presença de um funcionário para atendê-los (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). No Gráfico 5, observa-se a capacitação dos recursos humanos nas bibliotecas.

Gráfico 5 – Funcionário Capacitado

4. Esse funcionário tem capacitação para o cargo?

36 respostas



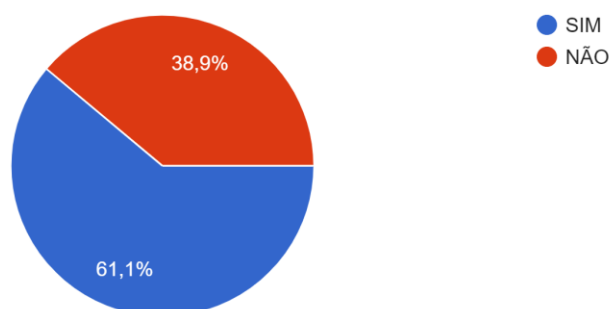
Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à questão sobre a capacitação do funcionário para o cargo, percebe-se que há uma divisão em que metade das escolas possuem alguém com formação para trabalhar na biblioteca e outra metade, não. Entende-se, então, que um dos grandes desafios em relação a esse ambiente é a profissionalização de um funcionário destinado ao cargo. O Gráfico 6 sintetiza as respostas obtidas quanto à frequência de alunos nas bibliotecas escolares.

Gráfico 6 – Frequência dos Alunos

5. Os alunos costumam frequentar a biblioteca para retirar livros?

36 respostas



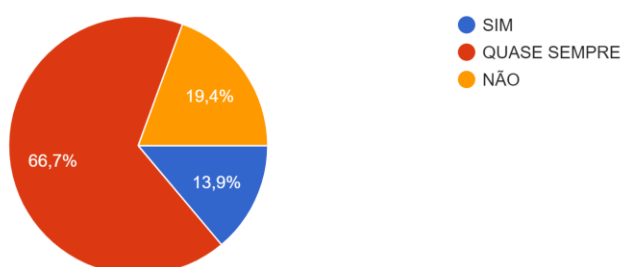
Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 6, pode-se perceber que 22 escolas afirmaram que os alunos frequentam a biblioteca e 14 respondentes das escolas disseram que os estudantes não a frequentam. Com esses resultados, nota-se que há o que melhorar, tendo em vista que a biblioteca é um espaço gratuito e acessível aos estudantes. Por isso, é notório que são necessárias ações que visem incentivar o seu uso, com acervos interessantes que cativem os leitores. Em relação aos dados da pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), 73% dos entrevistados disseram que procuram livros na biblioteca escolar ou universitária. Por sua vez, o Gráfico 7, a seguir, diz respeito à satisfação quanto ao acervo das bibliotecas.

Gráfico 7 – Satisfação com o Acervo

6. Os alunos encontram os livros que procuram?

36 respostas



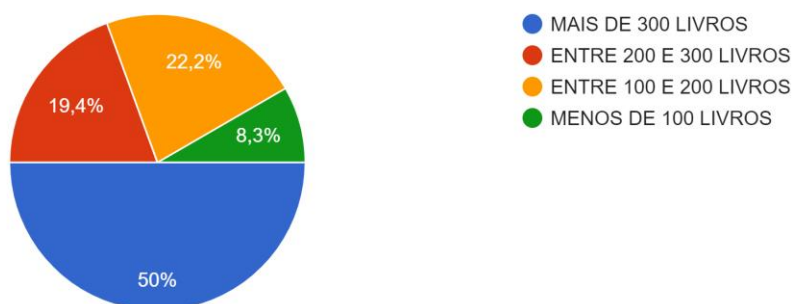
Fonte: elaborado pela autora.

Na pergunta apresentada no Gráfico 7, há uma diferença notável dos resultados, sendo que 24 respondentes vinculados a escolas responderam que quase sempre os alunos encontram os livros que procuram, sete escolas disseram que não encontram e apenas cinco afirmaram que os estudantes acham o material que procuram. Novamente, as respostas chamam a atenção para que tipo de acervo e de incentivo estão sendo propagados aos jovens para que sintam interesse em frequentar o espaço escolar voltado à leitura. Analisando os dados da pesquisa nacional, 58% afirmaram encontrar os livros que procuram (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). A seguir, o Gráfico 8 faz um balanço sobre o tamanho do acervo das bibliotecas.

Gráfico 8 – Quantidade de Livros

7. Qual é a média de acervos disponíveis na biblioteca?

36 respostas



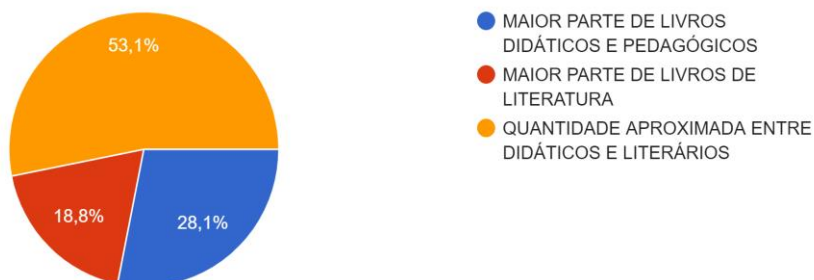
Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao acervo disponível nas bibliotecas escolares, os resultados variam conforme o tamanho da escola e quantidade de alunos. Nesse sentido, 18 respondentes disseram que suas escolas possuem mais de 300 livros; oito contam com uma média entre 100 e 200 exemplares; e três escolas têm menos de 100 livros. A seguir, apresenta-se o Gráfico 9, no qual é possível observar o tipo de obras disponibilizadas nas bibliotecas.

Gráfico 9 – Tipo de Acervo

8. Qual é o tipo de acervo que a escola possui?

32 respostas



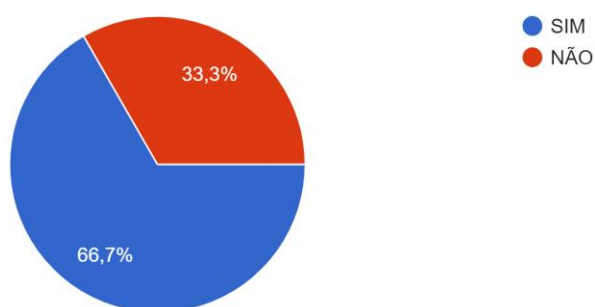
Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 9, cujos dados são oriundos da questão sobre o tipo de acervo que a escola possui, 17 instituições responderam que há uma aproximação entre didáticos e literários, nove escolas afirmaram que há maior quantidade de livros didáticos e pedagógicos. Já em relação aos livros de Literatura, somente seis escolas disseram que possuem maior quantidade, o que pode ser uma das causas pela baixa frequência dos estudantes e falta de interesse nos acervos disponíveis, uma vez que o material disponível não diz respeito a essa faixa etária. No Gráfico 10, a seguir, evidencia-se resultados sobre a atualização dos acervos.

Gráfico 10 – Atualização do Acervo

9. Esse acervo é atualizado com frequência?

36 respostas



Fonte: elaborado pela autora.

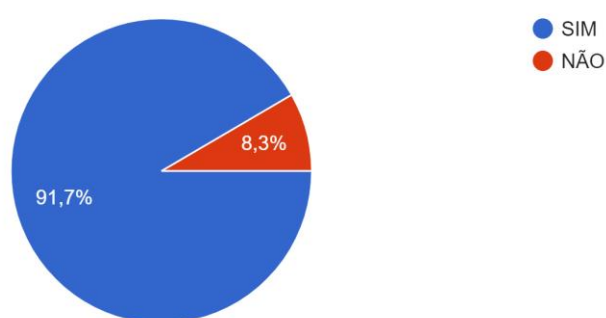
Como visto no Gráfico 10, ao se referir sobre a atualização do acervo, 24 escolas responderam que o mesmo é atualizado com frequência; 12 marcaram que

não. Porém, com os resultados das questões anteriores, vale lembrar que a maior parte do acervo não diz respeito aos livros de Literatura destinados aos jovens leitores, mas sim de material didático, que, muitas vezes, é armazenado na biblioteca e pouco utilizado. A seguir, no Gráfico 11, é possível observar os resultados desta investigação quanto à disponibilidade do acervo.

Gráfico 11 – Disponibilidade do Acervo

10. Há livros disponíveis para todas as faixas etárias?

36 respostas



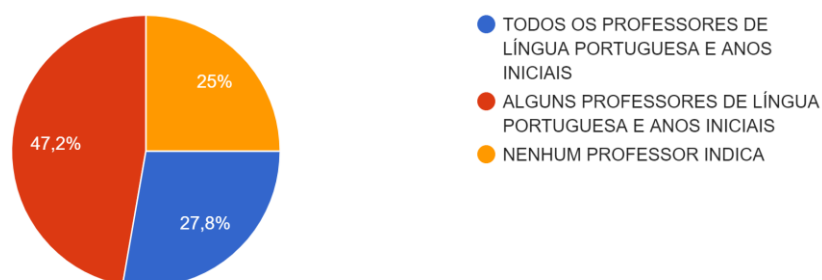
Fonte: elaborado pela autora.

Na pergunta sobre a disponibilidade do material para todas as faixas etárias, 33 escolas responderam que contam com títulos indicados a todo o corpo discente da instituição; somente três marcaram que não. Nota-se, desse modo, uma diversidade de material, mas que precisa ser ampliado e acessível aos estudantes. Já no Gráfico 12, os resultados se referem à questão acerca da indicação de livros por parte dos professores.

Gráfico 12 – Indicação dos Professores

11. Os professores da escola indicam livros para os alunos retirarem na biblioteca?

36 respostas

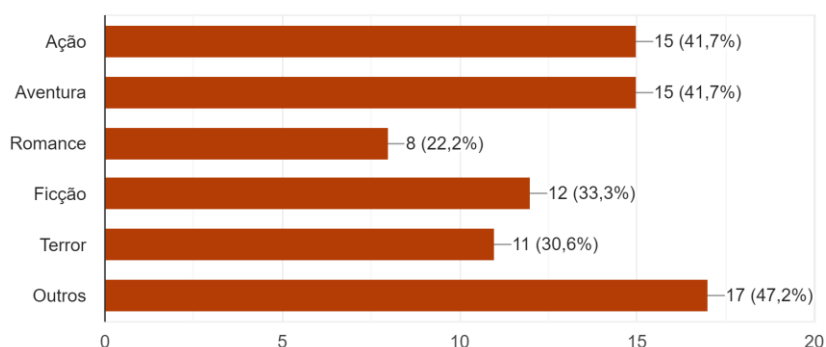


Fonte: elaborado pela autora.

A pergunta constante no Gráfico 12 se refere à importância do papel do professor no incentivo à leitura, bem como à sua função de levar os alunos até a biblioteca para conhecer o espaço e sentir-se familiarizado com o ambiente, a fim de criar vínculos. As respostas obtidas mostram que, em 17 escolas, alguns professores de Língua Portuguesa e Anos Iniciais incentivam os estudantes a retirarem livros; em dez escolas, todos os professores de Língua Portuguesa e Anos Iniciais incentivam o empréstimo de obras; em nove instituições, os respondentes disseram que nenhum professor indica. Em relação à mesma pergunta, na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), em 2019, 83% dos estudantes afirmaram que os professores indicam livros para leitura. No Gráfico 13, são apresentados os gêneros textuais mais procurados por alunos.

Gráfico 13 – Gêneros mais procurados

12. Quais são os gêneros mais procurados pelos alunos? (Pode marcar mais de um)
36 respostas



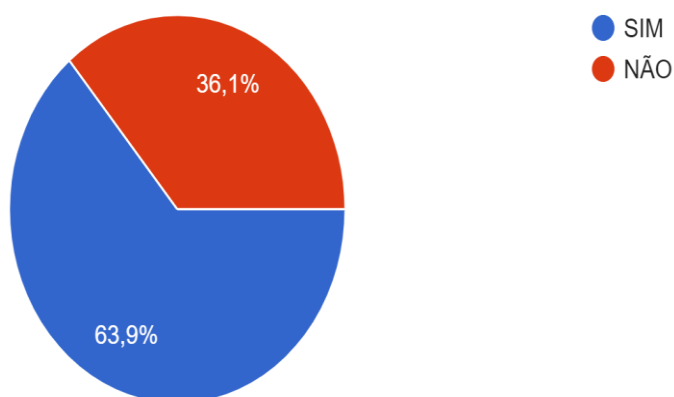
Fonte: elaborado pela autora.

Na questão sobre os gêneros literários mais procurados pelos alunos, conforme se observa no Gráfico 13, as respostas variaram: 17 escolas marcaram “outros”, que são assuntos diferentes dos listados; os gêneros “ação” e “aventura” tiveram 15 respostas; o assunto “ficção” obteve 12 marcações; “terror” registrou 11 respostas; e “romance” recebeu oito indicações. Além dessas respostas, vale destacar que os interesses variam de acordo com a faixa etária, o gosto individual, a realidade sociocultural e as influências de amigos, familiares e redes sociais. A seguir, no Gráfico 14, evidencia-se o quesito inclusão.

Gráfico 14 – Livros de Inclusão

13. A biblioteca possui livros para alunos de inclusão?

36 respostas



Fonte: elaborado pela autora.

A pergunta que se refere a livros para alunos de inclusão obteve 23 respostas positivas e 13 negativas. Entretanto, não se especificou o tipo de inclusão ou qual faixa etária. Assim, frisa-se a importância de questão ser para aprofundada em estudos sobre materiais acessíveis a todos os estudantes. Na sequência, o Gráfico 15 sintetiza respostas à questão sobre projetos de leitura desenvolvido nos espaços escolares integrantes desta pesquisa.

Gráfico 15 – Projetos de Leitura

14. Há algum projeto de leitura que é desenvolvido na escola? Se sim, qual?

36 respostas

Não
Não sei
Nao
Não
Sim. Hora da Leitura.
Neste momento não.
Sim
não
Não. Mas estamos elaborando um projeto para o próximo ano envolvendo toda a escola.
No momento Não
Sim. Tem a árvore dos livros e um criado pela professora de Língua Inglesa.
Uma leitura leva a outra
N sei
Não que me lembre...
Feira do livro
Não que eu saiba
Em 2019
N sei

Sim, teve um na semana da leitura.

Acho que não

Não temos

Sim

No momento não sei. Porque estou afastado da escola, devido a pandemia. Por ter problemas de saúde.

não sei

Hora da leitura - um período de aula de língua portuguesa é de leitura. Os alunos de currículo retiram o livro na biblioteca uma vez por semana, com agendamento de horário. Os alunos de área recebem na sala a mala da leitura uma vez por semana e lêem o livro de sua escola durante um período de aula.

Livros de prova Brasil

Sim. Hora da leitura onde todos na escola param um tempo para ler

Não sabemos!

Já teve, mas não lembro o nome.

Sim. Diariamente os alunos e professores lêem por um período. Os períodos de leitura são alternados para não contemplar sempre as mesmas disciplinas. A professora de Português cobra trabalhos e atividades referente aos livros que eles leram. As professoras de outras disciplinas também podem pedir.

Fonte: elaborado pela autora.

A última pergunta feita era dissertativa e questionava a respeito da presença de projetos de leitura promovidos pela escola. É possível notar uma variedade nas respostas, sendo que muitas delas foram influenciadas pela pandemia, que impossibilitou a realização de projetos presenciais.

Percebe-se, então, com estes resultados, que nem todas as escolas possuem bibliotecas ou pessoas capacitadas para trabalhar no local. Além disso, foi possível constatar que os alunos não podem frequentar tais espaços em horários livres. Em outras palavras, precisam agendar uma visita com antecedência ou dentro dos horários disponíveis da escola. Entretanto, em relação ao acervo, estas possuem uma quantidade razoável e o atualizam com frequência.

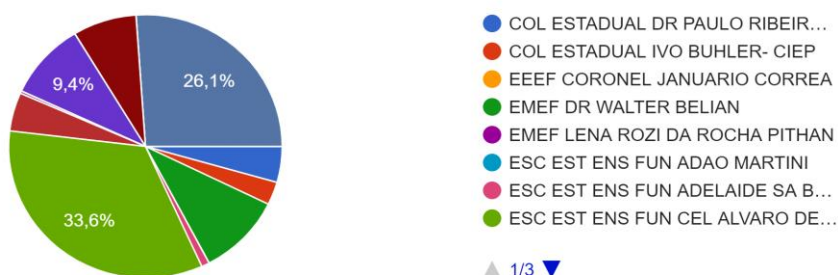
Outrossim, as indicações feitas por professores também ocorrem, podendo ser ampliadas ou intensificadas. É necessário levar em consideração o fato de que este mapeamento foi realizado no período de 2021/02, ou seja, muitas instituições de ensino ainda estavam se adaptando ao retorno presencial dos alunos no período de pandemia e a maioria delas não estava liberando os livros para retirada em função das medidas de proteção contra a Covid-19. Com isso, nota-se a relevância dos espaços das bibliotecas escolares, uma vez que são ambientes de integração e aproximação com o saber literário. Portanto, não é dever somente da direção ou coordenação incentivar o seu uso, mas também dos professores e familiares.

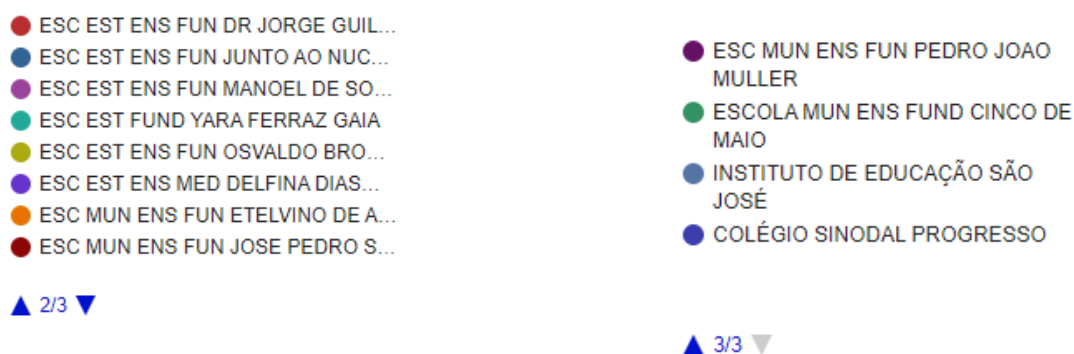
5.2.2 Análise dos resultados da pesquisa “Retratos de leitura: um olhar sobre a região de Montenegro”

A segunda etapa da pesquisa e foco principal deste trabalho foi a aplicação de questionário *on-line*, o qual buscou coletar informações sobre o perfil de leitor, hábitos, frequência e interesses dos estudantes das escolas de Ensino Fundamental II (6º a 9º ano) da cidade de Montenegro. Nesta investigação, houve 318 respostas dos alunos participantes. Todavia, nem todas as escolas listadas responderam ao formulário. Após a apresentação dos resultados obtidos, será feita uma comparação com os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que analisou, em nível nacional, de outubro de 2019 a janeiro de 2020, o perfil leitor de 8076 pessoas de 208 municípios, com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Dito isso, apresenta-se, no Gráfico 16, as respostas dos alunos quanto à instituição que frequentam.

Gráfico 16 – Escolas Participantes

1. Em qual instituição de ensino você estuda?
318 respostas



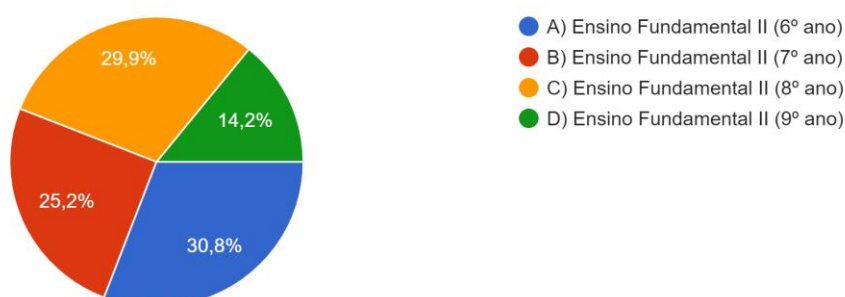


Fonte: elaborado pela autora.

No Gráfico 16, pode-se notar que não foram todas as escolas que participaram, sendo que, das 20 selecionadas, estudantes de somente 10 instituições responderam ao questionário. A justificativa é que, durante o período pandêmico, muitos alunos permaneceram em casa, com as aulas remotas, mas sem manter muito vínculo com a escola. Além disso, a falta de condições financeiras de diversos estudantes prejudica o seu acesso à internet, além de haver quatro escolas do interior, com difícil acesso. Ademais, muitas delas não deram resposta à solicitação da aplicação. No Gráfico 17, apresenta-se o nível de ensino em que se encontravam os respondentes.

Gráfico 17 – Escolaridade

2. Você é estudante do:
318 respostas



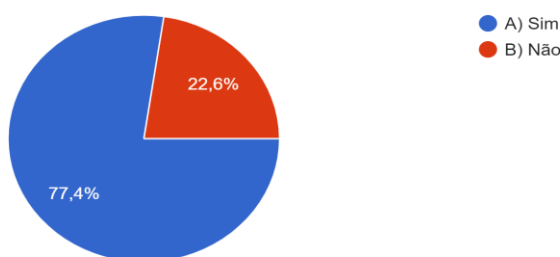
Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à escolaridade dos participantes, 98 alunos afirmaram que frequentavam o 6º ano; 95 são alunos disseram estar matriculados no 8º ano; 80, no

7º ano, e 45 do 9º ano. Com essas informações, percebe-se que não há uma progressão em relação à idade, visto que os alunos que mais participaram são do 6º e 8º ano. Na pesquisa do Instituto Pró-Livro Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), 22% dos participantes são estudantes do 6º ano ao 9º ano. Por sua vez, o Gráfico 18 sintetiza questão acerca do hábito de leitura dos respondentes.

Gráfico 18 – Hábito de Leitura

3. Você possui o hábito de ler (jornais, livros, publicações em redes sociais, sites de notícias...)?
318 respostas



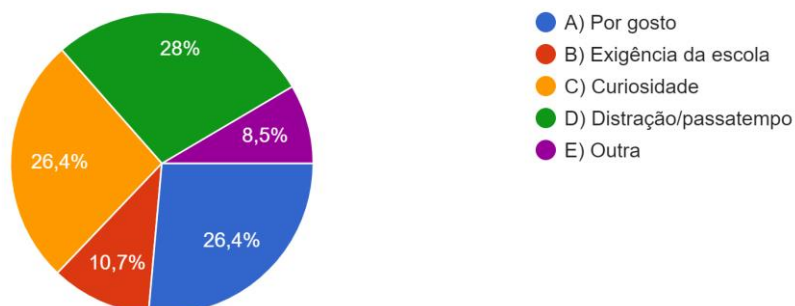
Fonte: elaborado pela autora

Na questão sobre possuir o hábito de leitura, 246 alunos responderam que leem diversos gêneros textuais e 72 responderam que não. Destaca-se, nessa pergunta, que a prática de leitura não se limita aos livros literários, estendendo-se aos textos multimodais que fazem uso dos letramentos múltiplos. Na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020), 100,1 milhões de pessoas realizaram algum tipo de leitura em geral, sendo considerados os livros em parte ou inteiros nos últimos três meses. A seguir, o Gráfico 19 apresenta a motivação dos respondentes quanto ao hábito de leitura.

Gráfico 19 – Motivação para Leitura

4. Qual sua principal motivação para ler?

318 respostas



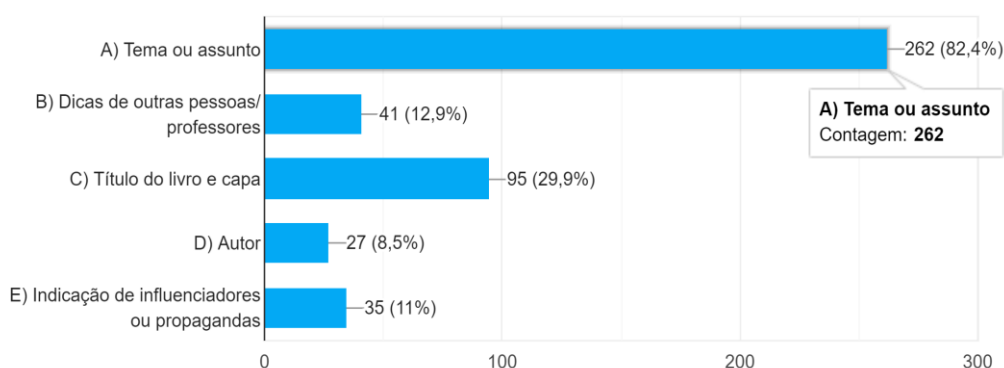
Fonte: elaborado pela autora.

Ao questionar sobre a principal motivação para a leitura, 89 alunos responderam que é por distração/passatempo; já 84 estudantes marcaram que é por gosto e curiosidade; 34 disseram que é por exigência da escola; e 27 responderam a opção “outra”. Na pesquisa em nível nacional, 26% responderam que é por gosto, seguido de 17% crescimento pessoal, 14% distração, 13% conhecimento e somente 4% marcaram como exigência escolar ou da faculdade (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Os participantes da pesquisa em Montenegro também responderam pergunta sobre o que os influencia na escolha de livros, como se observa no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Influência na Escolha do Livro

5. O que influencia na escolha de um livro?

318 respostas

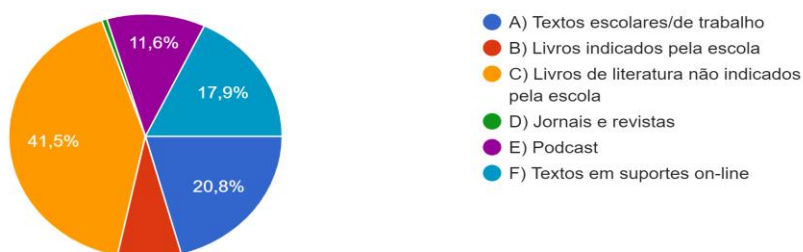


Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à influência sobre a escolha de um livro, 262 alunos marcaram que o tema ou assunto os influencia; seguido do título do livro e capa, com 95 respostas; as dicas de outras pessoas/professores, com 41 respostas; indicação de influenciadores ou propagandas, com 35 marcações; e, por fim, o autor com 27 respostas. Já na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), o mais escolhido também foi o tema ou assunto com 33% dos resultados, seguido das dicas de outras pessoas com 12%, título do livro com 11% e capa com 10% juntamente da indicação de professores. No Gráfico 21, as respostas versam sobre o gênero textual mais lido pelos integrantes do estudo.

Gráfico 21 – O que mais lê

6. O que você mais lê?
318 respostas



Fonte: elaborado pela autora.

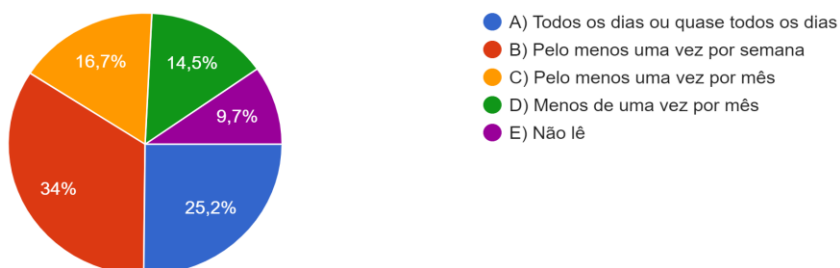
Na pergunta sobre o que os estudantes mais leem, 132 alunos responderam que são livros de Literatura não indicados pela escola. Na sequência, 66 estudantes marcaram os textos escolares/de trabalho, seguidos de 57 jovens que leem textos em suportes *on-line*. Além disso, 37 respondentes marcaram o item *podcast*, que é um *audiobook*, em que o indivíduo escuta a leitura das obras; 24 responderam que são os livros indicados pela escola e somente duas pessoas marcaram jornais e revistas. Na pesquisa nacional, 30% responderam que leem textos escolares, 28% costumam ler textos de trabalho, 27% livros indicados pela escola ou necessário ao seu curso, 23% livros de outros tipos e também jornais (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Nessa questão, vale ressaltar o resultado diferente da pesquisa em Montenegro, em que prevaleceu a leitura de livros de Literatura não indicados pela

escola, o que pode refletir a falta de interesse e significado que as leituras escolares estão proporcionando aos alunos, fazendo com que se distanciem das leituras solicitadas pela instituição de ensino. Além disso, é preciso lembrar que as respostas da pesquisa em nível nacional abarcam uma faixa etária maior, com pessoas que são estudantes ou não. Outra questão feita na presente investigação se refere à frequência de leitura e as respostas constam no Gráfico 22.

Gráfico 22 – Frequência de Leitura

7. Qual a frequência de leitura de livros de literatura?
318 respostas



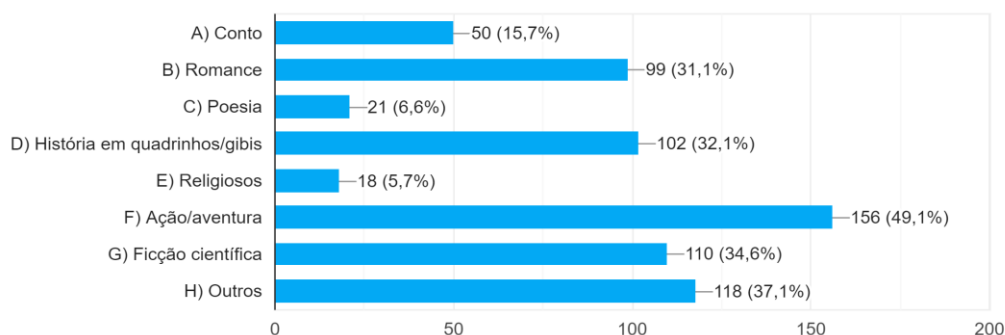
Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à frequência de leitura, os dados foram positivos, sendo que 108 alunos leem pelo menos uma vez por semana; 80 estudantes leem todos os dias ou quase todos os dias; 53 pelo menos uma vez por mês; 46 alunos menos de uma vez por mês; e 31 marcaram que não leem. Já na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), no Ensino Fundamental II, os dados não são tão positivos assim, pois apenas 8% marcaram que leem todos os dias ou quase todos os dias, contra 53% que afirmaram não ler. No Gráfico 23, apresentado a seguir, mostra-se o gênero textual preferido pelos estudantes.

Gráfico 23 – Gêneros de Preferência

8. Quais são os gêneros que costuma ler?

318 respostas



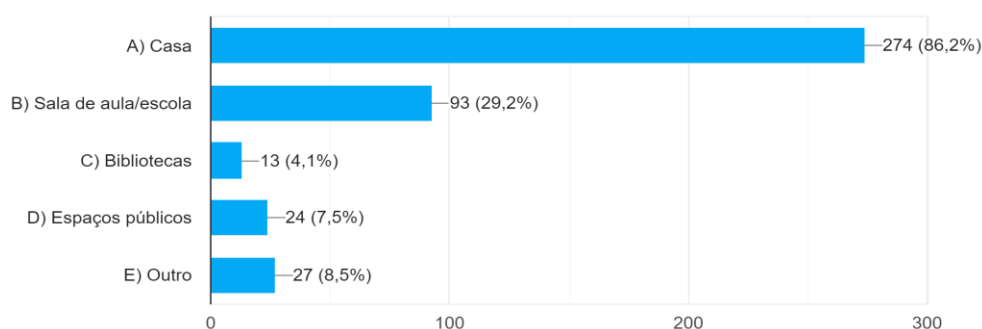
Fonte: elaborado pela autora.

Na questão sobre os gêneros textuais que os alunos costumam ler, 156 estudantes marcaram ação/aventura; 118 afirmaram que preferem outros gêneros que não foram citados; 110 gostam de ficção científica; 102 leem mais histórias em quadrinhos; 99 preferem romance; 50 estudantes gostam de conto; 21 alunos leem mais poesia; e 18 preferem os religiosos. Na pesquisa em nível nacional, no Ensino Fundamental II, a preferência se dá, com 32%, para a Bíblia, seguido dos contos com 21%, poesia com 20%, 17% religiosos, 16% romance, história em quadrinhos com 12%, entre outros abaixo de 11% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). O questionário aplicado em Montenegro também continha questão acerca do local em que os respondentes realizam suas leituras, o que é evidenciado no Gráfico 24.

Gráfico 24 – Locais de Leitura

9. Em que lugares costuma ler?

318 respostas

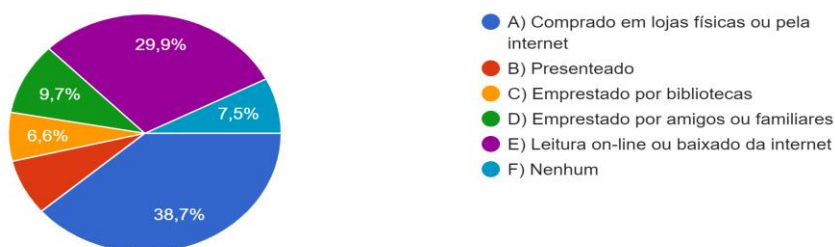


Fonte: elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre os lugares em que costumam ler, 274 alunos marcaram em casa, seguido de 93 estudantes que preferem a sala de aula/escola. Além disso, 27 selecionaram a opção outro local; 24 escolheram espaços públicos e apenas 13 marcaram as bibliotecas. Na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), 82% escolheram a casa, 23% a sala de aula, 20% bibliotecas em geral, 13% marcaram o trabalho, 11% escolheram os meios de transporte e 7% marcaram comércios. A seguir, o Gráfico 25 sintetiza informações da pesquisa em Montenegro acerca do acesso dos alunos aos livros.

Gráfico 25 – Modo de Acesso aos Livros

10. Qual é o modo de acesso aos livros mais utilizado por você?
318 respostas



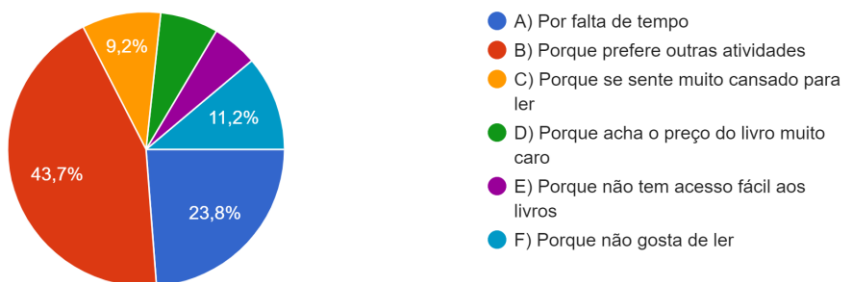
Fonte: elaborado pela autora.

Na questão sobre o modo de acesso aos livros, em primeiro lugar está a opção comprado em lojas físicas ou pela *internet*, com 123 estudantes. Na sequência, 95 respondentes marcaram a leitura on-line ou baixado da internet; 31 disseram que costumam pegar exemplares emprestados com amigos ou familiares; 24 ganham de presente; e 21 pegam emprestado de bibliotecas. Na pesquisa nacional, 36% adquirem livros em lojas físicas (30%) ou pela internet (9%); 21% ganham de presente; 13% pegam emprestado de alguma biblioteca escolar; 11% emprestado de algum familiar ou amigo; entre outros, abaixo de 4% (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Os respondentes da presente investigação também foram questionados sobre os motivos pelos quais não têm o hábito da leitura, como se observa no Gráfico 26.

Gráfico 26 – Falta de hábito de leitura

11. Se você não tem o hábito de ler, qual é o motivo?

206 respostas



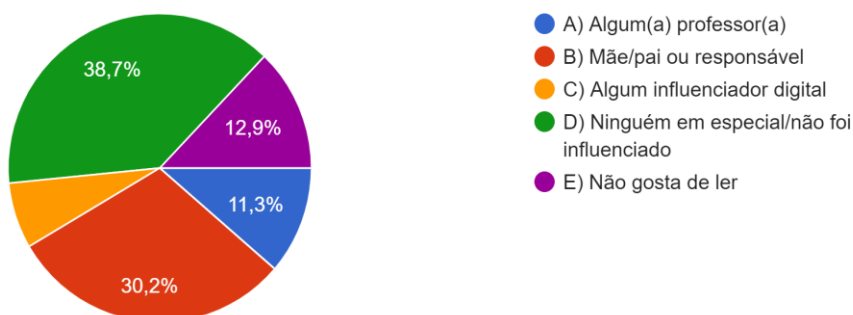
Fonte: elaborado pela autora.

Na questão a respeito da falta do hábito de leitura por parte de alguns estudantes, as respostas foram: 90 alunos preferem fazer outras atividades; 49 não leem mais por falta de tempo; 23 marcaram que não gostam de ler; 19 dizem se sentir muito cansados para ler; 14 alunos acham o preço do livro muito caro; e 11 responderam que não têm acesso fácil aos livros. Na pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), as respostas obtidas foram: 34% não leem por falta de tempo; 28% marcaram que não gostam de ler; 16% por não saberem ler; 14% porque não têm paciência para ler; 8% pois preferem outras atividades, entre outros resultados inferiores. Acerca da influência para a leitura na pesquisa realizada em Montenegro, as respostas são apresentadas no Gráfico 27.

Gráfico 27 – Influência para a Leitura

11. Houve alguma influência para gostar de ler?

318 respostas

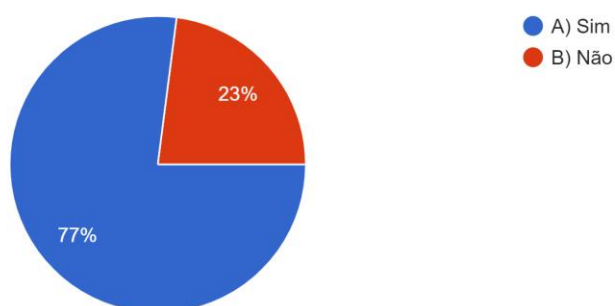


Fonte: elaborado pela autora.

Na pergunta sobre existir alguma influência para gostar de ler, 123 alunos afirmaram que ninguém em específico, que não foram influenciados. Por sua vez, 96 estudantes disseram ser mãe/pai ou responsável; 41 marcaram que não gostam de ler; 36 assinalaram que foi algum professor; 22 foram por influenciadores digitais. Na pesquisa nacional, 66% afirmaram que não foram influenciados por ninguém em específico; 11% foram por algum professor; 8% pela mãe ou responsável do sexo feminino; 4% pelo pai ou responsável do sexo masculino, entre outros dados inferiores (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). No Gráfico 28, apresenta-se a síntese das respostas dos integrantes da pesquisa quanto à leitura no momento da aplicação do questionário.

Gráfico 28 – Leitura Atual

12. Está lendo algum livro atualmente ou leu algum (partes) nos últimos três meses?
318 respostas



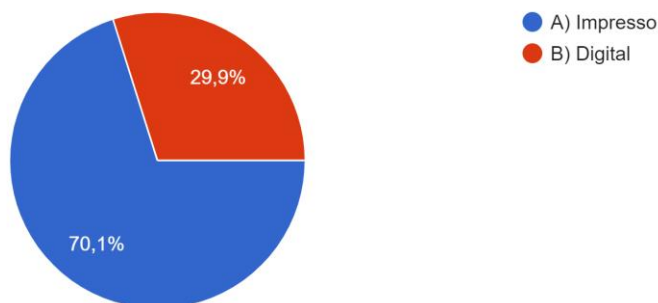
Fonte: elaborado pela autora.

Na questão sobre a leitura de algum livro atualmente ou nos últimos três meses, 245 alunos marcaram que sim e 73 assinalaram que não, o que é possível saber para definir se são considerados leitores ou não leitores. Na pesquisa nacional, 44% afirmaram que estavam lendo algum livro no momento (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020). Por sua vez, o Gráfico 29 demonstra o formato de preferência de leitura entre os participantes desta investigação.

Gráfico 29 – Formato de Preferência

13. Você prefere ler livros no formato:

318 respostas



Fonte: elaborado pela autora.

A última pergunta do formulário diz respeito ao formato de preferência para a leitura de livros, sendo que 223 alunos preferem realizar a leitura no livro impresso e apenas 95 escolheram o modelo digital. Na pesquisa nacional, 67% preferem livros de papel; 17% escolheram o livro digital; e 16% gostam de ambos (INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL, 2020).

Após a análise e leitura de todas as informações, pode-se constatar que a maioria dos estudantes do município de Montenegro possui o hábito de leitura. Entretanto, muitos deles, assim como os participantes da pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020), não foram influenciados por nenhuma pessoa em especial. Percebe-se também que, na pesquisa de *Retratos da Leitura no Brasil*, o número de pessoas consideradas leitoras é inferior ao obtido na Retratos de Leitura na cidade de Montenegro. Contudo, o número de participantes também varia bastante. Além disso, nota-se que a preferência de leitura é por livros que não são indicados/cobrados pelas escolas, o que acaba afastando os estudantes das leituras solicitadas.

A partir das pesquisas, foi possível verificar também que os interesses mudam conforme a idade, escolaridade, condição financeira e incentivo das famílias e escolas. Outrossim, nota-se a diferença em algumas respostas dos alunos de Montenegro com os de outros municípios que responderam à pesquisa do Instituto Pró-Livro e Itaú Cultural (2020). Entretanto, destaca-se que alguns fatores serviram de base para estas diferenças: a pesquisa nacional englobou o Ensino Fundamental II, sendo que os participantes eram maiores de cinco anos e podiam ser alfabetizados ou não. Então, algumas das respostas da *Retratos da Leitura no Brasil* não estavam

separadas por nível de escolaridade, o que acaba interferindo na comparação igualitária dos dados. Ademais, sabe-se que a diferença cultural, regional e econômica interfere em uma análise justa dos dados, uma vez que, dentro do próprio município, encontram-se realidades distintas e, no território nacional, haverá mais ainda. Portanto, ao se levantar os dados e informações, é necessário considerar o contexto de cada pesquisa.

Por fim, com as informações coletadas ao longo de todo este estudo, pode-se analisar que o país possui um nível de leitores inferior ao almejado, sendo que essa defasagem iniciou há muito tempo, no período Colonial, e continua sofrendo grandes dificuldades para estabelecer-se como hábito e prática cultural dos brasileiros. Entende-se, então, a necessidade que as escolas, famílias e sociedade têm de mudar essa realidade, visando formar cidadãos leitores, estimulados cognitivamente e participantes das decisões coletivas. Por isso, reforça-se a importância de a escola estreitar os laços de leitura com seus alunos, contando com a parceria da família, a fim de que o jovem compreenda os benefícios que o hábito de ler trarão para a sua vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber literário está intimamente ligado às práticas de leitura, experiências vivenciadas por meio das histórias e o poder da imaginação que é despertado durante esse ato. Sabendo da importância da leitura e o poder que esta tem para edificar e transformar a vida de leitores, o presente trabalho buscou, por meio de um referencial teórico e aplicação prática, destacar as vantagens que a leitura pode oferecer aos jovens leitores. Nesse sentido, partiu-se da necessidade de compreender como os estudantes da cidade de Montenegro praticam e percebem a leitura, para que, a partir de então, pudessem ser pensadas e repensadas práticas de incentivo à leitura.

Consoante ao pensamento de Gouveia (2009, p. 64) “[...] despertar e estimular a sensibilidade, a imaginação, o sonho, o espírito crítico, a autonomia e ainda ser um bom leitor” é dever tanto da família quanto da escola, uma vez que a família é o primeiro contato que as crianças têm com os livros e o universo literário. Todavia, sabe-se que nem todas possuem condições necessárias para estimular as crianças desde cedo; ou não têm como hábito a leitura e acabam não passando para seus filhos a importância desse contato. Além disso, a partir das análises dos resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, foi possível constatar que a figura feminina/materna é uma das grandes motivadoras à leitura, assim como o professor.

Nessa perspectiva, ressalta-se a necessidade de família e escola manterem-se unidas no processo de ensino-aprendizagem dos jovens, sendo incentivadoras dessas práticas de leitura, pois, muitas das vezes, os jovens se inspiram em pessoas importantes para eles e adquirem hábitos semelhantes. Por isso, com base no referencial teórico levantado, pode-se perceber a relevância que tais práticas exercem sobre a vida dos indivíduos e também da sociedade.

Além disso, a partir das análises feitas da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, constatou-se que mais da metade dos leitores lê por conta própria, sem ser influenciado por outra pessoa. Contudo, os que são influenciados destacam o papel do professor e da mãe. Além disso, entre os que mais leem, estão os que continuam seus estudos após sair da escola e também os que possuem condições financeiras melhores. Infelizmente, no Brasil, a prática de ler e políticas de incentivo à leitura ainda são pouco valorizadas, o que reflete nos dados de Analfabetismo Funcional, os quais mostram que aproximadamente 80% dos estudantes universitários possuem

dificuldades para ler, interpretar e fazer cálculos matemáticos básicos. Isso evidencia que esses estudantes estão saindo das escolas com uma grande defasagem em relação à competência leitora. Isso se refletirá, mais tarde, no mercado de trabalho e na sociedade como um todo.

Sob esse viés, deve-se ponderar sobre qual é o tipo de indivíduo que está sendo preparado para tomar decisões, participar criticamente na sociedade e poder ter autonomia em relação à sua forma de expressão e busca por melhores condições de vida. Logo, ter acesso a uma educação de qualidade, a livros e materiais com fins didáticos possibilita ao sujeito escolher quais caminhos seguir, abre oportunidades de estudo e trabalho que antes não seriam possíveis sem o conhecimento. Portanto, ler vai muito além do ato. Ou seja, transcende barreiras sociais e econômicas que tornam as oportunidades mais justas a todos e permite que cada indivíduo possa conhecer um mundo de opções que antes não era possível.

Sendo assim, esta pesquisa buscou refletir e conhecer a realidade dos jovens estudantes da cidade de Montenegro, a fim de que, em breve, seja possível buscar melhorias nas práticas de leitura juntamente das escolas. Em relação aos dados obtidos por meio da aplicação do formulário com os estudantes do Ensino Fundamental II, pode-se perceber que estes possuem um hábito de leitura, mas que se distancia da escola em relação à escolha e gosto pela leitura. Além disso, nota-se que, para alguns estudantes, o acesso aos livros é dificultado, principalmente, por razões econômicas. Ademais, somando a esses resultados, o mapeamento das bibliotecas do município revela algumas questões que podem ser analisadas e levadas em consideração, tais como: a falta de profissionais capacitados para trabalhar nos espaços, a não disponibilidade de horários para alunos frequentarem, a falta de incentivo por parte de professores para o uso e visita ao ambiente e também de projetos de leitura que instiguem toda a comunidade escolar a ler e participar mais ativamente desses movimentos literários.

Em suma, com os dados adquiridos por meio do mapeamento e com o formulário respondido pelos estudantes, é viável analisar mais criteriosamente as necessidades de melhoria, incentivo e adaptação das práticas de leitura realizadas tanto pelos alunos quanto pelas instituições escolares. Sendo assim, chega-se à ideia de que os jovens já possuem, na maioria, uma relação pré-estabelecida com a leitura. Contudo, é dever da escola, família e comunidade instigar esse gosto e promover

atividades e projetos de leitura que façam parte da realidade social e cultural desses alunos.

Percebe-se, então, que o maior desafio é a valorização dos espaços das bibliotecas escolares, buscando medidas de retomada das atividades que atraiam os jovens, a fim de que todos possam ser beneficiados: tanto a escola pelo uso e aproveitamento desse importante espaço, quanto para o aluno que terá a oportunidade de desenvolver-se cognitivamente e socialmente. Destaca-se, por fim, a importância e necessidade de um olhar atento aos estudantes em formação leitora, para que tenham contato com os livros e criem o hábito de ler, assim, tendo a oportunidade de mudar a sua realidade e tornar-se um cidadão participativo na sociedade.

REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf): estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo: Ação Educativa; IPM, 2016. Disponível em: http://acaoeducativa.org.br/wpcontent/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras interpretações acerca da natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, Unesco, 2004.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Lisboa: Eds. 70, 1973.

BOMENY, Helena. leitura no brasil, leitura do Brasil. Sociologia, Problemas e Práticas, [S./], n. 60, p.11-32, 2009. Disponível em: <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/10121/10128.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conheca>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA [MINC]. **Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL: Vivaleitura 2006-2008**. Brasília: MINC, 2006. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>. Acesso em: 12 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARRASCO, Walcyr. A história de uma paixão – De leitor a autor. In: INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 4. ed. São Paulo, 2016. p. 46-56.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 2 ed. p. 231 - 253.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Ler, verbo intransitivo. *In*: PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale Autêntica, 2014.

FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 19-42.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GOUVEIA, Joana Mesquita Saldanha. **Hábitos de leitura em crianças e adolescentes**: Um estudo de caso em alunos do segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico. 2009. 225 f. Dissertação (Mestrado em Supervisão e Coordenação da Educação) – Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2009. Disponível em: <https://1library.org/document/download/zx297pvq?page=1>. Acesso em: 04 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades**: Montenegro, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/montenegro>. Acesso em: 15 jul. 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO; ITAÚ CULTURAL. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Instituto Pró-livro, 2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.

ISER, Wolfgang. O Jogo do Texto. *In*: LIMA, Luiz Costa (org.). **A Literatura e o Leitor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.

KAUTZMANN, Maria Eunice Müller. **Montenegro de ontem e de hoje**. 3. ed. São Leopoldo: Serviço Gráfico de Rotermond S.A., 1986.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2004.

KLEIN, Renato. **Histórias do Vale do Caí**, 2019. Disponível em: <http://historiasvalecai.blogspot.com/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa (Org.). **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2018.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**: histórias e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MANATA, Elisabete Filipe. **Atitudes dos jovens face à leitura e a si próprios**: um estudo com alunos do 7.º e 9.º ano. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5684/1/ulfpie039817_tm.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MONTENEGRO. PREFEITURA MUNICIPAL. **Rede de Escolas Municipais**: Ensino Fundamental, 2022. Disponível em: https://www.montenegro.rs.gov.br/?titulo=Secretarias&template=conteudo&categoria=344&codigoCategoria=344&idConteudo=2442&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO. Acesso em: 15 jul. 2021.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Inova RS**, 2021. <https://inova.rs.gov.br/inicial>

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no espaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. BRANDÃO, H. M. B. MACHADO, M. Z. V. (Orgs). **A escolarização da leitura literária**: O jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 17-48

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TERRA. **As livrarias estão desaparecendo do Brasil**. São Paulo, 31 jan. 2019. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/as-livrarias-estao->

desaparecendo-do-brasil,842b3702d135b4d90c1ebed379209b7esi8xq5zz.html.
Acesso em: 05 fev. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins
Fontes, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO APLICADO NAS ESCOLAS DA CIDADE DE MONTENEGRO A RESPEITO DO USO DA BIBLIOTECA

1. Há biblioteca na sua escola?

- A) sim
- B) não

2. Os alunos podem frequentar quando querem (sem dia e hora marcada)?

- A) sim
- B) não

3. Há algum funcionário para atender na biblioteca?

- A) sim
- B) não

4. Esse funcionário tem capacitação para o cargo?

- A) sim
- B) não

5. Os alunos costumam frequentar a biblioteca para retirar livros?

- A) sim
- B) não

6. Os alunos encontram os livros que procuram?

- A) sim
- B) quase sempre
- C) não

7. Qual é a média de acervos disponíveis na biblioteca?

- A) mais de 300 livros
- B) entre 200 e 300 livros
- C) entre 100 e 200 livros
- D) menos de 100 livros

8. Qual é o tipo de acervo que a escola possui?

- A) maior parte de livros didáticos e pedagógicos
- B) maior parte de livros de Literatura
- C) quantidade aproximada entre didáticos e literários

9. Esse acervo é atualizado com frequência?

- A) sim
- B) não

10. Há livros disponíveis para todas as faixas etárias?

- A) sim
- B) não

11. Os professores da escola indicam livros para os alunos retirarem na biblioteca?

- A) todos os professores de língua portuguesa e anos iniciais
- B) alguns professores de língua portuguesa e anos iniciais
- C) nenhum professor indica

12. Quais são os gêneros mais procurados pelos alunos? (pode marcar mais de um)

- A) ação
- B) aventura
- C) romance
- D) ficção
- E) terror
- F) outros

13. A biblioteca possui livros para alunos de inclusão?

- A) sim
- B) não

14. Há algum projeto de leitura que é desenvolvido na escola? se sim, qual?

Link:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScayVR0SETYc8VTHEP04fXwlnJISdiYpeWdzu-Fw3oGQcR9EA/viewform>

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO COM ALUNOS DAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II

1. Em qual instituição de ensino você estuda?

COL ESTADUAL DR PAULO RIBEIRO CAMPOS
COL ESTADUAL IVO BUHLER- CIEP
EEEF CORONEL JANUARIO CORREA
EMEF DR WALTER BELIAN
EMEF LENA ROZI DA ROCHA PITHAN
ESC EST ENS FUN ADAO MARTINI
ESC EST ENS FUN ADELAIDE SÁ BRITO
ESC EST ENS FUN CEL ÁLVARO DE MORAES
ESC EST ENS FUN DR JORGE GUILHERME MOOJEN
ESC EST ENS FUN JUNTO AO NUCLEO HABITAC PROMORAR
ESC EST ENS FUN MANOEL DE SOUZA MORAES
ESC EST FUND YARA FERRAZ GAIA
ESC EST ENS FUN OSVALDO BROCHIER
ESC EST ENS MED DELFINA DIAS FERRAZ
ESC MUN ENS FUN ETELVINO DE ARAÚJO CRUZ
ESC MUN ENS FUN JOSE PEDRO STEIGLEDER
ESC MUN ENS FUN PEDRO JOAO MULLER
ESCOLA MUN ENS FUND CINCO DE MAIO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SÃO JOSÉ
COLÉGIO SINODAL PROGRESSO

2. Você é estudante do:

- A) Ensino Fundamental II (6º ano)
- B) Ensino Fundamental II (7º ano)
- C) Ensino Fundamental II (8º ano)
- D) Ensino Fundamental II (9º ano)

3. Você possui o hábito de ler (jornais, livros, publicações em redes sociais, sites de notícias...)?

- A) Sim
- B) Não

4. Qual sua principal motivação para ler?

- A) Por gosto
- B) Exigência da escola
- C) Curiosidade
- D) Distração/passatempo
- E) Outra

5. O que influencia na escolha de um livro?

- A) Tema ou assunto
- B) Dicas de outras pessoas/professores
- C) Título do livro e capa
- D) Autor
- E) Indicação de influenciadores ou propagandas

6. O que você mais lê?

- A) Textos escolares/de trabalho
- B) Livros indicados pela escola
- C) Livros de Literatura não indicados pela escola
- D) Jornais e revistas
- E) Podcast
- F) Textos em suportes on-line

7. Qual a frequência de leitura de livros de Literatura?

- A) Todos os dias ou quase todos os dias
- B) Pelo menos uma vez por semana
- C) Pelo menos uma vez por mês
- D) Menos de uma vez por mês
- E) Não lê

8. Quais são os gêneros que costuma ler?

- A) Conto
- B) Romance
- C) Poesia
- D) História em quadrinhos/gibis
- E) Religiosos
- F) Ação/aventura

G) Ficção científica

H) Outros

9. Em que lugares costuma ler?

A) Casa

B) Sala de aula/escola

C) Bibliotecas

D) Espaços públicos

E) Outro

10. Qual é o modo de acesso aos livros mais utilizado por você?

A) Comprado em lojas físicas ou pela internet

B) Presenteado

C) Emprestado por bibliotecas

D) Emprestado por amigos ou familiares

E) Leitura on-line ou baixado da internet

F) Nenhum

11. Se você não tem o hábito de ler, qual é o motivo?

A) Por falta de tempo

B) Porque prefere outras atividades

C) Porque se sente muito cansado para ler

D) Porque acha o preço do livro muito caro

E) Porque não tem acesso fácil aos livros

F) Porque não gosta de ler

12. Houve alguma influência para gostar de ler?

A) Algum(a) professor(a)

B) Mãe/pai ou responsável

C) Algum influenciador digital

D) Ninguém em especial/não foi influenciado

E) Não gosta de ler

13. Está lendo algum livro atualmente ou leu algum (partes) nos últimos três meses?

A) Sim

B) Não

14. Você prefere ler livros no formato:

- A) Impresso
- B) Digital

Pelo link:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfjIKcaNpxh4RlrdMys9w-o2OQ8c0EaWLJrTk6qIGY2QsDU5w/viewform>